

ASSIGNATURAS
 ANNO..... 20\$000
 SEMESTRE..... 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escritorio e Officinas
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25

APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Os melhoramentos da cidade do Rio de Janeiro fôram verdadeiros milagres, realizados a golpes violentos no consagrado direito de propriedade, na intangivel liberdade individual para tudo, direitos muito abrigados dentro do cascão da rotina, rijo, engrossado com as superpostas camadas do sedimento de um relaxamento secular. E toda a gente levantava as mãos agradecidas para o céu, dava graças ao glorioso S. Sebastião, que protegia a população e impedia que ella fôsse devastada pelos flagellos aqui aclimados. S. Sebastião attendia a essas sinceras exhibições de piedade, permitindo que as epidemias nos extorquissent annualmente um certo tributo de vidas, amainassem, recrudescessem periodicamente e deixassem alguém vivo. Ellas tinham o effeito patriótico de tornar o nosso porto magnifico, a nossa cidade formosa — sitios malditos.

Si a cidade fôsse definitivamente saneada, S. Sebastião perderia a freguezia; os seus milagres seriam inuteis, pela simples, pela intuitiva razão de não haver necessidade delles: nós fariamos com hygiene, com os habitos de limpeza, aquillo que o santo conseguia pela intercessão divina.

Conta-se a esse respeito uma anedota absolutamente authentica, apesar da sua inverosimilhança. Um prefeito houve, no Districto Federal, bastante ouzado para acalentar a idéa de obrigar a Santa Casa de Misericordia a ligar os conductos da porcaria infecta, os dejectos perigosos dos seus milhares de doentes, aos exgottos da *City Improvements*, projecto que resistira a muitas tentativas anteriores. O provedor daquelle pio estabelecimento, homem assignalado por largo e venerando risco na politica, estrella de primeira grandeza na constellação de personagens illustres, re-

cuzou peremptoriamente attender á injunção do prefeito, allegando com mystica firmeza ser inutil a intervenção das galerias do exgotto geral. S. Sebastião tinha, até então, preservado a cidade do contagio resultante dos detricos hediondos da Santa Casa, com mais efficacia do que os procesos de depuração chimica empregado pelos inglezes. E a prova disso era que os pios detricos desbordavam alli na praia de Santa Luzia, onde os cariócas elegantes se banhavam, não constando que alguém tivesse adoecido em consequencia das abluções naquelle mar saturado de germens assassinos. O milagre não era singular — ajuntava o excellente provedor: elle se realizára'durante a revolta de setembro, cujas balas attigiram as paredes, as costaneiras, não consentindo o santo que uma só penetrasse as enfermarias pelas janellas. O prefeito recuou ante a inabalavel recusa, e o hospital mantém os seus exgottos despejados no mar.

Quando, tempos depois, um industrial tentou invadir o privilegio de pompas funebres, outorgado áquelle pio estabelecimento, e levou o caso em renhida disputa aos tribunaes, um juiz, agarrado, cheio de hombridade, aos textos da Constituição da Republica, reconheceu-lhe o direito de explorar aquella industria como outra qualquer. O caso subiu a instancia superior, onde tanto influiu o fetichismo pelo prestigio da Santa Casa, que a appellação esteve a pique de não ser julgada por falta de juizes. Cinco se declaram suspeitos, sendo necessario convocar cinco juizes sectionaes, que confirmaram com os ministros restantes o monopolio.

Mais tarde, o mesmo prefeito entendeu que a secularisação dos cemiterios era um preceito da nossa lei organica. Empregou inutilmente todos os meios para secularizar os cemiterios da Capital Federal, offereceu á Santa Casa uma subvenção annual de qua-

trocentos contos para que ella abrisse mão das necropoles, prometten conservar como empregados municipaes os respectivos funcionarios: tudo em vão. O pio estabelecimento descambou para o terreno do capricho; considerou o empenho do prefeito um attentado, cerceou-lhe o apoio supremo do presidente da Republica, e o prefeito foi forçado a deixar a direcção dos negocios municipaes.

Essas veracissimas pilherias provam que nós possuimos institutos de beneficencia prestigiados com a protecção divina, fóra do alcance da Constituição e das leis que regulam a saúde publica. São verdadeiros Estados no Estado, exigindo, pelo bem que fazem, prerogativas de despotismo inatacavel, ao qual se devem todos, governos e governados, submeter sem protesto, sem murmurios irreverentes.

* *

Mas.. como iamos discorrendo, devemos lembrar que a ultima lei, regulando a desapropriação por utilidade publica para o saneamento e aformoseamento da cidade, foi a maior daquellas violencias fecundas, de resultados admiraveis.

Essa lei suscitou os mais vehementes, os mais indignados clamores como extorsão iniqua ao direito de conservar os casebres sujos, os pardiéiros immundos; ella foi, entretanto, executada sem bulha, sem matizada; sem ella, não teriamos a magnifica Avenida, as estupendas obras de regeneração, de segurança, de commodidade, o alargamento das viellas nojentas em vastos conductos de ar e de luz, os nivelamentos suaves, a substituição de calçadas, eternamente esburacadas, por um leito igual, lizo, entremeiado de jardins, ensombrado de arvoredos, perfumado de flôres.

A rotina, porém, arreganhou os dentes, assanhada por esses melhoramentos que perturbavam o seu somno esteril, a sua serena paz conservadora

da tradicional sujeira de Sebastia-nopolis.

Os homens empenhados nesses me-lhoramentos, nesse patriotico movi-mento de progresso, empreza recalci-trante a mais de cem annos de esfor-ços em tentativas dispersas, timida-mente aventuradas, desde os miseros dias do seculo passado aos nossos obscuros dias republicanos, estão far-tos de pancada, como esbanjadores malucos, empazinados com o suor do povo, com o qual se argamassam os sinistros castellos da diffamação e da calunnia rotineiras. A gratidão publi-ca, sempre tardia, virá depois, quando o tempo dissipar a neblina do pó, on-de se desfiguram factos e personagens no conturbado scenario do presente. Os contemporaneos são myopes; não vêem de perto; enxergam nitidamen-te o que está distante, fóra do alcance das paixões perturbadoras, extreme de interesses subalternos.

As obras de restauração prosegui-ram desassombradamente, á propor-ção que iam penetrando a consciencia publica as vantagens colhidas em com-pensação do sacrificio imposto pela draconiana leis aos proprietarios. Hou-ve reclamações, queixas, protestos, duvidas que se dirimiram tranquilla-mente pelos meios legaes, sem escan-dalo. Mas por arte do demonio, o pre-feito, cujos peccados merecem clemencia comparados ás suas altas qua-lidades de administrador, de fecunda actividade incansavel, ouzou machu-car uma ponta dos interesses tempoaes de uma dessas Ordens benemeritas, superiores ás conveniencias publi-cas, Ordens em que se confundem, numa harmonia mystica, o divino e o profano, instituições canonicas e pre-ceitos da maçonaria, a ópa e o ma-lhete. Tanto bastou para lhe caírem em cima feio e forte, com nma atroa-dora musica de pancadaria.

Elle teve a inqualificavel audacia de offerecer a indemnisação de sessen-ta contos por um pedaço de enferma-ria, alojada num pezado edificio de abominavel estylo colonial, uma en-fermaria que, conforme a opinião sem discrepancia, está mal collocada no coração da cidade, e perturbava, como um formidavel contraste, o prolonga-mento natural da já agóra formosa rua da Uruguayana. Offerecer não é ag-gravo por isso mesmo que o dever do

administrador é pugnar pelo allivio dos cofres municipaes; entretanto, esse offerecimento foi elevado á emi-nencia de um desaforo, de uma pouca vergonha, de uma irreverencia ás tra-dicionaes prerogativas da Ordem.

O prefeito não ponderou o prestigio do seu benemerito contendor; não lhe veio á velha memoria que essas Or-dens pias, offendidas no seu direito á ópa, tiveram, cerca de trinta annos atraz, influencia sufficiente para met-ter dois preclaros bispos nas mas-morras da Ilha das Cobras, onde pade-ceram as dolorosas consequencias do seu ardor apostolico.

O prefeito deveria considerar que com esses potentados não se brinca impunemente, e mais atilado seria si modelasse o seu plano pelo respeito aos direitos do proprietario potentado, deixando a rua entupida pelo casarão com os seus doentes refrescando as maguas debruçados nas janellas, observando o madamismo formigante no largo da Carióca, accrescendo, co-mo lambugem a esse spectaculo pit-toresco, o necroterio alli pertinho, ás barbas do publico.

O prefeito procedeu temerariamen-te não se curvando ás exigencias da Ordem. Deveria mirar-se no exemplo salutar do sr. Rodrigues Alves, que re-commendou sollicitamente ao ministro da Viação e ao constructor da Aveni-da respeitassem as egrejas para evitar complicações perigosas com as Ordens e os capellães, cuja influencia se accentúa de maneira assustadora nestes lei-gos dias da Republica.

Tinha carradas de razão o ladino paulista, como estão os factos demon-strando. O sr. Rodrigues Alves, apesar da immuniidade do sexo, não concor-dou, fôsse embóra prejudicado o tra-çado da Avenida, com a demolição da egreja do Parto...

POJUCAN.

Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro e segundo semestres de 1905.

* * *

As officinas dos « Annaes », dispon-do de um material completamente novo e moderno, encarregam-se de qualquer trabalho typographico.

Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

Conhecida a necessidade que sentem os allemães de emigrar; — dada a no-ticia de suas *colonias politicas* e de suas *colonias commerciaes*; estabelecida a pertinacia da propaganda do *allema-nismo* até entre as nações soberanas; determinado o *caso singular de sua si-tuação no sul do Brazil*, resta consi-derar as consequencias futuras que dahi pódem advir á nossa patria.

Antes de tudo, importa considerar o *estado de espirito* das gentes das co-lonias situadas em nosso paiz.

Esse espirito nos é adverso. Ao passo que nos Estados-Unidos, — se-gundo informa J. Stoecklin, — il est d'autant plus difficile de reconnaitre les citoyens américains d'origine alle-mande *que la plupart d'entre eux ont honte de leur origine et ont anglicise leur nom*: les Zimmermann sont de-venus des *Carpenter*, les Braun des *Brown*, les Löwenstein — des *Livin-stone*, etc.; ao passo que nos Estados-Unidos os allemães e seus descen-dentes se deixam attraír gostosamente pela sociedade anglo-saxonia, no Bra-zil fazem vida á parte e nos aborrecem evidentemente.

As provas do facto são innumera-veis.

O aferro que mostram por sua lin-gua e tradições, que não trocam pelas nossas, é uma dellas e da maior impor-tancia.

Si nos estimassem, deixar-se-iam assimilar no meio de nossas popula-ções.

O desprezo que ostentam por nossa vida publica, da qual não participam de proposito, é outra prova irrefra-gavel.

A abstinencia é tão completa que chega a parecer maravilhosa, chega a parecer materialmente impossivel.

E' assim que se pódem ferir a seu lado, em torno de suas terras, as mais intensas luctas entre as populações brazileiras, sem que elles dêem o mais leve signal de vida.

Importam-lhes menos do que lhes importou a guerra entre a China e o Japão.

Assistem impassiveis, e com secreto gaudio, ás dissensões politicas dos rio-grandenses, dos habitantes de Santa-Catharina e Paraná. E' como si fôsem contendias de estrangeiros, de tribus africanas.

Prova evidentissima de que não se interessam por nosso viver, nem fazem caso das aspirações das gentes entre as quaes se vieram collocar.

Este signal tem todo pezo — para quem sabe o valor dos phenomenos sociaes, como força impulsora da acção politica, e o valor do estado

d'alma das populações, como força determinante do estado social.

Existem, em perto de 380.000 pessoas de origem germanica, residentes no Brazil, cinco ou seis ou oito que, para confirmar a regra da abstenção de seus patricios em tudo que é puramente brasileiro, se mettem nas luctas partidarias locais.

São raros moços, filhos das cidades, ordinariamente nascidos dos rarissimos consorcios de allemães com brasileiras, desviados em parte do pensar genuinamente germanico, que se deixam attraír por ambição politica. E' excepção singular, que nada vale.

Sua aversão, seu desprezo por tudo que é brasileiro, *menos a terra, que chamam sua*, é attestado pelos poucos nacionaes que onzau viver no meio delles nas colonias compactas.

Começam os nossos por ter vergonha de falar a nossa lingua, por serem chasqueados quando o fazem.

Elles é que teem de aprender a lingua estrangeira l. . .

Nessas colonias, os actos officiaes, os processos, os despachos dos juizes, os editaes das camaras, tudo, tudo é em lingua allemã.

Si algum juiz, si algum promotor publico tenta reagir, é posto habilmente para fóra.

Digo *habilmente*, porque a calma, a fleugma allemã, esperando o dia do *Novo-Estado*, sabe agir com um tino, com uma prudencia admiravel.

Mas para que gastar tinta em provar coisas de todos sabida, coisa que fingem apenas ignorar os nossos desbriados e infames governos, que tanto teem de ineptos como de covardes ?

Os proprios allemães, quer viajantes, quer colonos, o confessam com a maior sem-cerimonia.

Tenho aqui duas provas á mão; uma dellas é de viajante e a outra de sujeito que vivia em Porto-Alegre, e, allí mesmo, numa cidade que é a capital do Estado, e ainda é em grande parte brasileira, não trepidava em revelar crúamente o pensar de seus patricios a nosso respeito.

Eis aqui o depoimento do sr. Alfredo Funcke :

«... Como representantes do povo brasileiro, o colono allemão só conhece o habitante da serra propriamente dito, indigente e ignorante, e o funcionario publico. O serrano, hostil a todo trabalho regular, condenado a eterna penuria, sem fé nem probidade nas relações commerciaes e no trato, além disso não raro oriundo de sangue negro ou mestiço de indio, vivendo vida de mancebia, entregue a todos os desregramentos dos sentidos, não podia servir ao lavrador allemão de exemplo digno de ser imitado. Quanto ao funcionario publico brasileiro, que não vê no emprego sinão

um meio de passar commodamente a vida, geralmente susceptivel de suborno e outras influencias congeneres, que jámais cumpre o seu dever honradamente nem pontualmente, o seu exemplo provoca necessariamente a comparação com os seus collegas allemães. Semelhante cotejo era de natureza a infundir no animo do colono o desprezo pelo brasileiro culto. A tudo isto vinham juntar-se experiencias pessoas nas relações com as auctoridades e especialmente com a magistratura, relações em que o colono allemão saía prejudicado e ludibriado.

A observação de que tambem os brasileiros abastados iam decaído progressivamente devido a uma economia desordenada, além disso os casos de parentes empobrecidos cárem com a menor sem-cerimonia nas costas de outros e muito frequentemente os ajudarem a devorar minguaos haveres, não podiam de modo algum attraír para o natural do paiz a sympathia do campones allemão, sempre tão economico e poupado.»

Não se pôde ser mais rudemente franco. Só o proprio Alfredo Funcke poderia sel-o e foinas seguintes linhas, em que se refere á *protecção* que o governo allemão deve aos seus *subditos* do Brazil :

«Essa protecção naturalmente só pôde ter valor para o allemão emigrado si a força do imperio estiver sufficientemente representada pelo pavilhão de guerra. Os americanos do sul soffrem todos de exaggerada presumpção e só respeitam os direitos do estrangeiro segundo o que a amistosa visita de vasos de guerra proximos lhes refresca na memoria, com frequencia significativa, á certeza de um desforço assustador em caso de attentado.»

Estas gentilezas de Funcke occorrem no citado artigo do *Jornal do Commercio*, de 6 de janeiro do anno passado.

Mais insultosa no proposito de nos injuriar é a poesia do professor allemão, de Porto-Alegre, o sr. dr. Frankenberg, lente da Escola Normal, que assim nos pagava o bom emprego que desfructava. E' um *Hymno nacional brasileiro*, no sentir desse poeta allemão.

E' documento de vinte annos atrás, prova de que, si a propaganda para nos invadir é antiga, não o é menos a tendencia para nos menosprezar. E' da *Gazeta de Noticias*, de 15 de setembro de 1886, na qual se lê :

«No *Deutsche Post*, jornal que se publica em Porto-Alegre, sob a direcção do dr. Frankenberg, lente da Escola Normal, appareceram uns versos em fórma de hymno, que fôram tomados como ridicularizando o Brazil e o nosso exercito.

A *Reforma* deu a traducção desses versos, que é a seguinte :

«HYMNO NACIONAL BRAZILEIRO

Tens feijão preto e milho, tens xarque e toucinho em abundancia, tens as mais grossas batatas;—Brazil, que queres ter mais ?

Tens quantidade de vinho nacional, fabricas de cerveja e licores Christoffel, Rapp, Becker e Campani ; —Brazil, que queres ter mais ?

Quão bons seriam os caminhos, comtanto que não chovesse, e no emtanto são pantanos e buracos ;—Brazil, que queres ter mais ?

Como foruigam os bandalhos e ladrões, isso chamamos em allemão —militares, esses devem defender a patria;—Brazil, que queres ter mais ?

Os pequenos garotos são presos, os grandes vivem ás soltas e mesmo teem titulos pomposos;—Brazil, que queres ter mais ?

Tens tres partidos, ó miseria ! esses amarguram-te a vida, tens mesmo o Martin de prata ;—Brazil, que queres ter mais ?

E dividas, e dividas, e dividas, sugam-te os cofres de um todo, e estás dirigido para o abysmo ;—Brazil, que queres ter mais ?—*Anastasius Blau.*»

«Conhecida e vulgarizada pela cidade esta traducção, o povo indignou-se e reuniu-se em *meeting*, para protestar contra o ultrage e pedir a punição do seu auctor, ou, pelo menos, do director da folha que o inserira.

A vista da attitude do publico porto-alegrense, a presidencia da provincia demittiu, a bem do serviço publico, o dr. Frankenberg, do cargo de lente da Escola Normal.

A empreza do jornal allemão, por sua vez, e como protesto ao seu procedimento, demittiu do cargo de redactor-chefe da referida folha, o sr. Frankenberg.

A' vista dessas plenas satisfações, serenaram os espiritos.»

Houve em 1886 esse pequeno alvoro, que trouxe a demissão de Frankenberg.

Tudo, porém, caíu logo na usual modorra; a nossa incuria continuou a dormir; o *allemanism* social e politico proseguiu na sua marcha ovante.

Hoje, nem talvez fôsse demittido da Escola Normal o lente que consentisse, em sua folha, o tal *Hymno nacional brasileiro*.

O *Deutschum* tem progredido tanto que, ao menor abalo, surgem por cá seus *enviados extraordinarios*, que teem recepções principescas, como si fôram chefes de Estado.

E' incrivel; chega-se até a se lhes manifestar o desejo de que seus patricios façam cada vez mais uzo exclusivo da *lingua allemã*. Parece um sonho.

Mas é triste realidade. . .

Ainda ha menos de dois annos, tivemos exemplos em Porto-Alegre.

Lê-se no *Jornal do Commercio*, de 14 de julho de 1904 :

«Porto-Alegre, 13 de julho. — Foi hoje recebido pelo presidente Borges de Medeiros e pelas auctoridades estadoaes o dr. Jannasch, que se hospedou na Pensão Schmidt, onde o *Governo lhe mandou reservar aposentos.*»

Este Jannasch é um dos taes que influem nas *Associações de Imigração*, em Berlim, e tem as vistas voltadas para o Brazil, onde aporta de vez em quando.

Sempre que se levanta, alguma poeira nos jornaes, sempre que se allude ao *perigo allemão*, elle toma o paquete em Hamburgo e salta em Porto-Alegre. Vem encarregado de fazer discursos, para apaziguar os *brazileiros*... E' missão por elle cumprida habilmente. E' bom orador e conhece de cór os logares communs amados dos *brazileiros*; *fraternidade dos homens, patria universal, progresso de todos, paz geral, chiméra do perigo allemão, inventado pelos anglo-americanos, que nos querem conquistar.*

De tudo isto lança mão o inteprido homem. E o curioso é que os *brazileiros* se deixam convencer.

A sua vinda de ha dois annos foi motivada por certos *alarmas*, apparecidos em folhas americanas e inglezas, ácerca da crescente influencia dos grupos autouomos dos germanicos em terras do sul do Brazil.

Jannasch partiu sem demora. Chegou, falou, aconselhou aos *seus patricios que não fôssem nativistas, que não fôssem exclusivistas contra os brazileiros*; mas que, nessa meia união com os nossos patricios — *não esquecessem a sua lingua e até a sua musica!*

Isto li eu nos jornaes do tempo, que sinto não ter agóra á vista.

Era o carro adeante dos bois, prova da consciencia da força de que já dispõem os seus patricios: em vez de pedir aos *brazileiros* que não uzassem de *nativismo* para com os allemães, aconselhava a estes que não o empregassem contra nós. Isto pinta a situação.

Era tambem contraproducente e manhoso; porque, ao passo que batia o exclusivismo, exhortava sua gente a *não deixar a sua lingua e a sua musica*, duas coisas da paixão característica do allemanismo.

Telegrammas vi que davam conta da recommendação ácerca da *lingua e da musica*.

Não os tenho á vista; mas aqui váe um de 19 de julho do dito anno de 1904, pelo qual se conhece mais ou menos o conteúdo dos discursos de Jannasch, não só pelo que delles se contém no alludido despacho, como

pela resposta do presidente do Rio Grande, em que declara *não pedir* aos allemães que renunciem ás suas *tradições, á sua lingua*... E' incrível.

Eis aqui :

«PORTO-ALEGRE, 18 DE JULHO.—As sociedades allemãs aqui existentes offereceram hontem uma grande festa ao sabio dr. Jannasch. Estiveram presentes o dr. Borges de Medeiros, presidente do Estado, e diversas outras auctoridades federaes e estadoaes.

O dr. Jannasch pronunciou um brilhante discurso no qual *aconselhou os seus patricios a se unirem aos brazileiros e especialmente aos rio-grandenses, condemnando abertamente o preconceito nativista e o exclusivismo que separa as raças e separa os homens, quando a verdade é que a civilização moderna procura reunil-os* pelo desenvolvimento commercial, artistico, scientifico e marítimo. O orador, proseguindo na mesma ordem de considerações, *atacon com vibrante energia a decantada chimera do perigo allemão.*

O dr. Borges Medeiros, num improviso bastante feliz e cheio de conceitos patrioticos, *disse tambem não ter receios dessa utopia que anda fluctuante em alguns espiritos timidos e eivados de preconceitos.*

Continuando, o presidente do Estado *declarou não pedir aos allemães que renunciem á sua patria, ás suas tradições e á sua lingua*; pelo contrario, é que honrem a terra de origem, porque assim honrarão tambem o Rio Grande.

Terminou saudando a confraternização dos dois elementos, germanico e brasileiro, sob o influxo da amizade reciproca.»

Evidentemente, o sr. Borges Monteiro não avalia a importancia da *patria*, das *tradições* e da *lingua* na vida dos homens. Do contrario, não chegaria a pensar que pudesse alguém possuil-as por partidas dobradas: da Allamanha e, ao mesmo tempo, do Brazil.

Entretanto, desde que o mundo é mundo, a historia e a experiencia teem sido incansaveis em desmentir o erro do presidente do Rio Grande do Sul e de todos os que, por falta do preciso criterio, laboram em tão nociva illusão. As *tradições* e a *lingua* teem tal importancia que acabam sempre por veucer e fazer as nações a seu gosto.

Póde a politica, nas suas confinações, não raro insensatas, separar gentes da mesma estirpe, da mesma lingua e das mesmas *tradições*, como na Italia e na Allemanha até o ultimo quartel do seculo passado. E' debalde; mais cedo ou mais tarde, essas gentes se attráem e se unificam.

Póde a mesma politica, nos seus tresloucados calculos, jungir povos

diversos sob o mesmo jugo, debaixo da mesma oppressão, como na Turquia. E' inutil; mais cedo ou mais tarde, os elementos diversos se desagregam e cada um procura o seu natural centro de gravidade. Assim foi alli: romaicos para um lado, gregos para outro, bulgaros para outro, servios para outro.

E' regra que nunca ha de faltar.

Dest'arte, o erro gravissimo, o erro inexpiable dos governos brazileiros, o erro que nos ha de trazer a perda das bellissimas regiões do sul, foi se haver consentido na formação lenta, por oitenta dilatados annos, de fortes grupos de população que ficou irreductivelmente germanica, sem a menor fusão com populações brazileiras.

E' erro irreparavel.

Não ha sophismas que possam illudir a quem enxerga dois dedos adiante de si. Existem duas especies de individuos que teem interesse em fazer acreditar no contrario: os proprios allemães e seus descendentes, e certos politiqueiros brazileiros que prezam de não desagradar os colonos de Santa-Catharina, Paraná e Rio-Grande. O resto do Brazil pensa de modo de todo diverso.

Mas, dizia eu, para se aquilatar da verdadeira situação das coisas no sul, mistér é apreciar o *estado psychico* dos *teutos* com relação aos *brazileiros*.

Já fiz ver alguma coisa de singular neste sentido. Existe, porém, outro criterio, originado daquelle, que, sendo disso effeito, indica, de modo claro e inilludivel, o estado de adeantada divergencia em que andam os dois povos, que acabarão de todo separados: refiro-me á *situação social* de ambos. Este signal é infallivel.

Só existem hoje alguns ignorantes, cujo voto não tem nem póde ter o menor pezo, para acreditarem no valor da *politica*, das relações a que se costuma dar este nome, como força dirigente das nações, independentemente das condições *sociaes*. Toda a gente sabe que o estado social é que representa a substancia, o amago, a verdadeira estrutura, o exacto valor de um povo qualquer.

A politica não faz mais do que andar atraz da sociedade, de suas aspirações, de seu character, de seu gráu de cultura, de suas necessidades, de suas tendencias, para as ir definindo e dando satisfação naquillo que é de sua competencia. Quando a politica chega, a tendencia social tem surgido e se avolumado ha muito tempo. Negal-o — é ser indigno da menor attenção de gente que pensa.

Ora, os allemães do Brazil são, *socialmente*, completamente distinctos e independentes dos nacionaes. Teem outra lingua, outra religião, outros costumes, outros habitos, outras tradi-

ções, outros anhelos, outros generos e systemas de trabalho, outros idéaes. E' innegavel. Logo, estão presos a nós sómente pelo *laço do territorio*; porque mesmo de um *laço politico effectivo* não se póde falar, desde que se sabe que elles não tomam a uinima parte em nossa vida por esse lado. Mas, em nosso territorio mesmo, as colonias constituem verdadeiras *soluções de continuidade* entre as populações nacionaes. São como ilhas, ou oasis no meio do que costumam chamar o deserto brasileiro.

Faltam-lhes, para de todo se separarem de nós, formando *um Estado* á parte, duas condições apenas: uma população maior, e que essa população se espalhe a ponto de ligar entre si, mais ou menos intensamente, os diversos nucleos coloniales dos tres Estados meridionaes. Nem será talvez preciso que se liguem os nucleos do Paraná aos demais. Logo que os de Santa-Catharina tiverem; por assim dizer, arredondado terras com os do Rio-Grande, e isto não está longe de acontecer, o brado de separação será dado.

E' até possivel que seja dado só pelos do Rio Grande, logo que todo o planalto, *toda a região serrana*, esteja assáz povoada por elles, desde as montanhas que dividem aquelle Estado em duas zonas, a do norte e a do sul, até ao curso do rio Uruguay, que o separa da Argentina e de Santa-Catharina. Pouco depois os desta, crescidos tambem em numero, se unirão aos seus patricios e parentes allemães do Rio-Grande. Para tanto, basta que a população germanica dos dois Estados atinja a uma cifra respeitavel — de 800.000, ou 1.000.000 de habitantes.

A separação não se fez já com o auxilio e sob o *protectorado* da Allemanha, por causa das perturbações que isto acarretaria deante da chamada *doutrina de Monröe*, freio unico que contém o imperio, conforme os proprios allemães confessam e mostrarei linhas abaixo. Não fôra isso, e o governo imperial teria já feito o que praticou em Zauzibar.

Existe, porém, outro motivo que tem obstado essa terrivel crise de separação, que terá de ser dada em nosso Brazil: é que os nossos *teutos* não desejam fazer parte do imperio, como *colonia*, como *dependencia politica*; aspiram á formação de um *novo Estado*, um Estado soberano, independente, como era o Transwaal, como são os Estados-Unidos e hão de ser o Canadá e a Australasia. Quando se sentirem fortes, pelo numero e pela riqueza, para nos afrontar, darão o signal de se constituirem politicamente á parte.

O governo brasileiro ha de sair a campo para contel-os; travar-se-á

lucta; a Allemanha, então, intervirá com forças militares porque não ha de *consentir que allemães sejam trucidados no Brazil*. . . Nessa conjunctura, aceitarão os *teutos*, *si et in quantum*, o protectorado moral da Allemanha — e não o politico, porque este o imperio não lh'o póde dar, visto como não póde ter novas colonias na America. Mas bastar-lhes-á esse protectorado moral para facilitar o seu reconhecimento como *Estado independente*. Quando, pois, os optimistas, credeiros no valor invencivel do Brazil, berram que não ha perigo de separação das colonias germanicas, porque o imperio não sonha nem póde sonhar com conquistas na America, fazem apenas um sophisma.

Ninguém disse jámais que os allemães mandariam cá suas esquadras para nos conquistar as terras do sul. A Allemanha não é estúpida, nem ingenua; ella deixa as coisas seguirem seu curso normal; espera que o fructo cáia de maduro. Pois póde lá nunca a Allemanha, que conta com a prolificidade de sua gente, com o vigor de seus filhos, e com a habilidade delles, admittir que um, ou dois, ou tres milhões de germanicos, collocados no Brazil, se deixem governar, dirigir, pelos *mulatos* (é como elles chamam a todos) do Brazil?

E' mistér não saber nada de Allemanha e allemães, para acreditar-o. O *Dentschtum* do Brazil *fará da sé*; o da Europa tem confiança e espera.

A evolução desta desgraçada questão, descuradissima pela incuria brasileira, é a seguinte: 1º periodo de immigração por uérea necessidade, de 1825 a 1870; 2º periodo de formação consciente de um grupo ethnico á parte, capaz de ter por si *mesmo* largos destinos, periodo em que teem procurado os directores dos grupos coloniales firmal-os cada vez mais ao sólo com a agricultura, e vão procurando apoderar-se, nas respectivas zonas, das melhores industrias, da navegação, do commercio bancario, das forças economicas, em summa, de 1870 até agora; o 3º periodo será o do futuro proximo em que procurarão crescer e prosperar de mais em mais, o que, quando a população fôr numerosa e a riqueza grande, os levará a se constituirem em corpo de nação, como *Estado soberano*.

A protecção allemã européa será méro auxiliar de segunda ordem.

Que tem o Brazil a fazer para impedir essa desastrada solução do *Dentschtum* que nos ameaça no sul?

E' o que resta indicar.

Emquanto as colonias não crescem demasiado, a ponto de se tornarem perigosas, ha alguma coisa a tentar.

As afirmações que fazem de fideli-

dade ao Brazil são para nos enganar e para o norte-americano ver.

Si a empreza fôsse coisa a ser feita pela Allemanha, repito, já ella o teria tentado; mas como não é, porque nem ella o póde, por causa do *monröismo*, nem os allemães de cá teem fortes desejos de se collocar na dura sujeição do imperio, espera-se a solução do tempo, trazida com o augmento da população, do territorio e da riqueza.

O imperio, porém, não suspeita claramente que a aspiração de independencia dos *teutos* não se entende só para com o Brazil, e que o envolve tambem a elle.

Por isso, não perde nunca a esperança de empolgar aquellas terras por um arranjo qualquer, possivel no decorrer dos tempos.

Nessa esperança, busca todos os meios imaginaveis de illudir, de sophismar a doutrina de Monröe, contra a qual faz propaganda entre as proprias nações do continente, ás quaes faz acreditar que a *America é dos americanos* — quer dizer delles — *americanos do norte, dos filhos dos Estados-Unidos*.

Pintam a estes, umas vezes, como *conquistadores*, que nos virão subjugar; proclamam que o *monröismo* equivale a uma *intella humilhante*, e outras sophisticarias do genero.

Recorrem, outras vezes, á proposta de harmonia para engolirem, de accordo, a preza latino-americana.

Neste sentido, são dignas de aturada leitura as palavras do sr. dr. Walter Kundt, auctor de — *O Brazil, sua importancia para o commercio e a industria allemães*, conforme a já alludida traducção do *Fornal do Commercio*, de que peço venia para transcrever ainda um trecho caracteristico:

«Quanto á doutrina de Monröe, tenho para mim que ella se baseia em considerações obsoletas, e ainda no correr do seculo terá de ceder o passo a outra politica externa dos Estados Unidos.

A doutrina de Monröe parte do principio de que os povos da America se tinham libertado do jugo da dominação ingleza, hespanhola e portugueza, e que a esses povos livres cumpria agora defenderem-se collectivamente contra os appetites conquistadores das nações européas. Mas esta classificação dos povos em livres e não livres, em republicanos e monarchicos, parece-nos hoje muito inhabitual e desnecessaria. Hoje, que o centro de gravidade de toda a politica está no terreno economico, outro é o criterio para proceder á classificação dos povos. Ha, em primeiro logar, povos que, por sua actividade e intelligencia, se collocaram na altura de resolver os problemas economicos que o seu paiz suscita, e neste numero estão incluídos

quasi todos os povos do continente europeu; ha, em segundo lugar, povos incapazes de aproveitar os dotes que lhes couberam em parte, que por indolencia ou por outros motivos deixam mais ou menos improductivos os thezouros naturaes que lhes offerece o seu paiz, e a essa categoria pertencem, na Europa, Portugal e a Hespanha e os paizes balkanicos, e na America, a totalidade dos povos, com excepção dos de lingua ingleza. *E ha, em terceiro lugar, povos a quem o territorio nacional não offerece campo sufficiente para a satisfação da sua actividade e que estão chamados a realizar, nos paizes da ultima das categorias supracitadas, aquillo que os habitantes desses paizes não quizeram ou não puderam fazer.*

Povos taes não ha sinão tres; são os mais poderosos representantes da raça germanica, os allemães, os inglezes e os norte-americanos. *Esses estão chamados a recolher a herança do decadente mundo latino e tem todo o interesse em concertarem-se sobre o melhor processo de dividirem entre si a tarefa.* Ainda hoje, os povos hispano-lusitanos dominam um territorio que é maior que o immenso imperio moscovita e só muito pouco inferior, em tamanho, ao imperio britannico. A quem virão, um dia, a tocar esses paizes, ninguém o sabe; *mas o que é certo é que elles não podem continuar nas mãos do mais mesquinho e inepto ramo da raça latina.* Em futuro proximo, esses paizes vão provavelmente representar o mesmo papel que a Turquia e a China, cuja subsistencia si tem sido tornado possivel, é só exclusivamente devido á rivalidade das potencias.»

Que tal?

Continuaremos de braços cruzados em face de tantos e tão repetidos avisos?

Para resistir a essas e outras ameaças e nomeadamente para escapar do perigo de virmos a perder as terras do sul, minados pelo elemento germanico, temos a fazer o seguinte:

1º Seguir o *systema japonês* de nos aparelharmos por meio de todos os recursos da sciencia, no sentido de prepararmos-nos militarmente para a lucta;

2º Mudar a feição *communaria* de nosso *character*, que tudo espera do Estado, e reformar a nossa *educação* no sentido *anglo-saxonico* da *iniciativa pessoal*, da *audacia no emprehendimento*, da *coragem na acção*, da formação dum alevantado *ideal* de vida e de força individual e collectiva;

3º Ajudar a essas grandes medidas com o *povoamento do sólo* por um regimen *systematico*: *immigrantes de nacionalidades diversas espalhados por todas as zonas* do nosso immenso planalto, desde as serras do Rio Grande

do Sul até ás fronteiras do valle do Amazonas, que será também povoado por gente adequada;

4º Aproveitar, por todos os meios imaginaveis, o *enorme proletariado nacional*, que será transformado em *elemento colonizador*, posto ao lado do estrangeiro para educar-se com elle no trabalho e *o ir abrazilizando*;

5º Facilitar esse povoamento do paiz em todas as direcções, levando *estradas de ferro por toda a parte*, que sirvam para articular, por assim dizer, este immenso corpo, facilitando-lhe ao mesmo tempo a defeza.

Em vez de andarem ahi a esbanjar milhões com obras de *luxo*, *avenidas*, *theatros*, *passeios* e outras no Rio de Janeiro, que nos fazem representar o papel de um *mendigo*, *descalço* e *maltrapilho*, com um *gorro bordado a ouro* na cabeça, deveriam empregal-os nos melhoramentos indicados.

Mas essas são as medidas de ordem geral, reclamadas pelo paiz todo.

Pelo que toca directamente ás colonias allemãs, mistér será embaraçar-lhes o entusiasmo do *Deutschthum*, pelo seguinte modo:

1º Proibir as grandes compras de terrenos pelos syndicatos allemães, maximé nas zonas das colonias;

2º Obstar a que estas se unam, se liguem entre si, collocando entre ellas, nos tetrenos ainda desoccupados, nucleos de colonos nacionaes ou de nacionalidades diversas da allemã;

3º Vedar o uzo da lingua allemã nos actos publicos;

4º Forçar os colonos a aprenderem o portuguez, multiplicando entre elles as escolas primarias e secundarias, munidas dos melhores mestres e dos mais seguros processos;

5º Ter o maior escrupulo, o mais rigoroso cuidado em mandar para as colonias, como funcionarios publicos de qualquer categoria, sómente a individuos da mais esmerada moralidade e de segura instrucção.

6º Desenvolver as relações *brazileiras* de toda a ordem com os colonos, protegendo o commercio nacional naquellas regiões, estimulando a navegação dos portos e dos rios por navios nossos, creando mesmo alguma linha de vapores que trafeguem entre elles e o Rio de Janeiro;

7º Fazer estacionar sempre vasos de guerra nacionaes naquelles portos;

8º Fundar nas zonas de oéste, tolhendo a expansão germanica para o interior, fortes *colonias militares* de gente escolhida no exercito.

Estas e outras medidas, despertadas pela pratica e pelo criterio dos governos, poderão obstar o desmembramento futuro do Brazil nas regiões do sul.

Teremos coragem de as pôr em pratica?

O tempo o dirá.

Pondo remate a estas considerações, que o silencio da *America Latina*, do dr. Bomfim, me forçou a fazer sobre o perigo allemão entre nós, preciso prevenir uma objecção de character pessoal.

Sabe-se que o meu amigo Tobias Barreto se bateu no Brazil pelo *germanismo* e eu o applaudi, tanto quanto esse modo de pensar e agir *pudesse servir de REAGENTE, de TONICO para o character nacional.*

E esse era o pensamento de meu patricio e camarada.

Elle sabia da existencia, no sul, do *allemanismo da colonisação*; sabia da propaganda que, ineptamente no Rio de Janeiro e machiavelicamente na Allemânia, se fazia para que esse *allemanismo colonial* augmentasse.

Conhecedor dos perigos que dalli proveriam ao Brazil, procurou substituir aquelle *allemanismo de immigração* pelo *germanismo da sciencia, da cultura, da educação, da fortaleza moral*, unico capaz de nos aparelhar para resistir ao primeiro.

E' uma calumnia, pois, dal-o por favoravel ás pretensões dos *immigrantistas* insensatos.

O que o meu amigo sempre quiz, sempre ensinou a este inconsciente povo de ingratos, desnorteado por litterateiros imbecis, o que elle pretendia, com uma larga intuição verdadeiramente genial, era que o Brazil fizesse o que o Japão já tinha então *comçado a fazer...*

E' verdadeiramente admiravel.

Os factos vieram dar plena razão ao pensador sergipano.

Ha trinta e quatro annos, quando no Brazil ninguém sabia da immensa transformação, pouco antes iniciada no Japão, já Tobias Barreto o indicava como modelo a seguir.

Hoje é moda fazer litteratice, á custa do valoroso imperio asiatico.

Litteratões que nada sabem, vivem a aborrecer a gente com patacoadas ácerca daquelle povo exemplar.

Em 1872, ha trinta e quatro annos, escrevia o grande critico, e chamo a attenção dos leitores para este facto, que define a sua propaganda germanica entre uós, fazendo appello para o que se estava praticando no Japão, onde se cogitava de *educação e sciencia* e não de *immigração colonial*: «Já nos factos, e especialmente nas *tendencias intellectuaes*, está o Japão mais adiantado que o Brazil. Eis uma prova entre muitas.

No primeiro de janeiro de 1870, foi aberta, na capital daquelle Estado, a qual conta um milhão e meio de habitantes, uma escola para o ensino da lingua allemã, apenas com quatro

alunos, e no fim do anno contava já de 400 a 500.

No correr de 1871, como consequencia dos grandes feitos da guerra franco-allema e do ascendente da Alemanha, espalharam-se pelas provincias muitas outras escolas, e o proprio imperador se mostrou, desde então, interessado a tal ponto, que por elle e seu governo fôram não só instituidas *escolas pelo modelo allemão* e para esta lingua com maior profusão, como também *fôram enviados para se educarem no seio da cultura germanica* diversos moços japonezes de familias consideraveis e de elevada posição. Ultimamente, (1872, anno em que escrevia o sabio brasileiro) o governo fundou altos *institutos scientificos* e uma *academia de medicina*, onde exclusivamente se acham sabios e professores desse paiz, chamados para dirigirem o ensino.

Dahi tem resultado uma viva procura de livros allemães de modo que uma celebre firma commercial em Yedo, A. Ahrens & C., foi levada a entrar em relações activas com o commercio livreiro, principalmente de Leipzig, e a dirigir-lhe uma circular neste sentido.

E então? Podemos nós rir-nos dos dignos japonezes?

Houvesse quem aconselhasse ao nosso governo para crear uma academia, sómente dirigida por sabios allemães, e ver-se-ia que barulho!

Si era possivel admittir-se um jurista mais profundo do que o Ribas, de S. Paulo, ou um medico mais sabido do que o Sodrésinho, da Bahia? A paz do Senhor seja convosco, espiritos idiotas.

E quem tivesse, como eu já tive, a loucura de conceber e tentar realizar a idéa de uma sociedade de *propaganda germanica*, havia de regalar-se quando a quizesse levar a effeito.

Que traço de genio! que visão de pensador!

E' pena que Tobias Barreto não tivesse vivido bastante para admirar as estrondosas victorias do Japão e seu ascendente no mundo.

Desventurado Brazil, que, illudido por gralhas palmeiras, não tomaste, até hoje, o conselho de teu verdadeiro amigo!

Vê qual é o teu estado e o do longinquo imperio oriental, que não mettem *immigrantes*, mas ingeriu idéas, doutrinas, saber, praticas uteis, que o disciplinaram para luctar e vencer.

Costuma-se dizer que se cura a mordedura do animal com o seu proprio pello.

E' o que se pôde imitar: repillamos as incursões de allemães e outros europeus quaesquer com os propios processos delles aprendidos e assimilados.

Para isto é, porém, indispensavel

caracter. O sr. Manoel Bomfim não quiz discutir essa *vexata questio* do *Deutschum*; julgou-a, por certo, abaixo de suas cogitações, entretidas com o *ciúme* e o *parasitismo*.

Não me arrependo, entretanto, dos tres artigos que lhe consagrei, a proposito da *America Latina*. Para me depedir do sr. Manoel, resta-me tão sómente escrever algumas linhas ácerca de seu estylo. Esperem.

SYLVIO ROMÉRO.

SCIENCIA E INDUSTRIA

A argilla. — Medicamento velho para a gastro-interite. — Aplicações em caso de cholera morbus durante cinco annos.

O pó, as substancias mortas não devem ser desprezadas em therapeutica. O dr. Stumpf, professor de medicina legal em Wurtzburg, tendo empregado, durante cinco annos, com muito successo, argilla pulverisada contra a gastro-interite de meninos e adultos, teve a lembrança de empregar esse medicamento nos doentes da ultima epidemia de cholera asiatica que se manifestou no valle do Vistula.

O tratamento consiste em administrar a argilla, finamente pulverisada, em poção, antes de qualquer alimento, na dóse de setenta a cem grammas para os adultos, trinta para os meninos, dez a quinze para as creanças de peito, sendo lavada cinco vezes no seu pezo d'agua pura. Os vomitos cessam á primeira dóse; a febre cæe em menos de meia hora, provocando uma crise analogá á da pneumonia.

Na opinião do dr. Stumpf, a argilla age mechanicamente, envolvendo os microbios, impedindo-lhes a multiplicação e obstando a producção de toxinas. Elle ignorava, sem dúvida, que não era nova essa medicação pela argilla, como accentuou Lébaupin, affirmando que Lieutand, no fim do seculo dezoito, em 1781, no seu *Tratado de Materia Medica*, escrevera ácerca da terra sigillada, terra de Lemmos:

«Esse medicamento a que davamos outr'ora tanta importancia, é uma especie de terra gorda de que se formam pequenos bolos com varias figuras impressas. Provinha da ilha de Lemmos, essa terra que se encontra hoje em diversas regiões da Europa. Ella serve, por suas qualidades adstringentes, para impedir as diarrhéas e as hemorragias, e não é verdade que seja absorvente: não fermenta, absolutamente, com os acidos. Ella é, ás vezes, empregada internamente como adstringente e seccativo; pôde estancar as perdas de sangue e consumir a serosidade abundante das feridas.

Deslocação dos pólos. — Relação entre ella e os terremotos. — Observações do dr. Milu. — Mais demonstraões.

Os pólos terrestres oscillam no espaço; o eixo do mundo se desloca, descrevendo uma curva complicada e, por conseguinte, as latitudes não são fixas: variam incessantemente.

Essa descoberta foi feita ha vinte annos. Pareceu, ao principio, tão singular que não foi logo acceita; de resto, a deslocação era demasiado insignificante, justificando a duvida. Os astrónomos, reunidos em congresso, se decidiram a fazer, nos diversos observatorios distribuidos pela superficie do Globo, estudos systematicos desse movimento quasi imperceptivel.

Não ha mais duvidar do facto do deslocamento dos pólos; mas a causa desse phenomeno não foi ainda definitivamente encontrada.

Em 1893, o professor Milu verificou que o afastamento dos pólos se accentuava na relação da abundancia de tremores de terra. A relação entre os dois factos parece provir dos desmoronamentos de rochas no interior do Globo, mudanças de estrutura na massa, perturbando o equilibrio do planeta em torno de seu eixo de rotação, fazendo-o pender para um lado e para outro. Essa hypothese do terremotos, si bem que audaciosa e arriscada, não é desprezivel.

De accordo com os algarismos comparativos do professor Milu, a coincidência se verificou de 1895 a 1898, e Cancani continuou a tabella de comparação até 1902, verificando sempre as concordancias, como se demonstra:

Annos	Num. de violentos terremotos	Deslocação polar
1895	9	00,55
1896	18	0,91
1897	46	1,07
1898	50	1,03
1899	27	0,72
1900	17	0,32
1901	22	0,53
1902	29	0,97

Estes algarismos falam em favor da hypothese. A designação dos violentos terremotos, deixa, todavia, margem bastante elastica na apreciação do numero anormal dos phenomenos sismicos, de sorte que se não pôde, com segurança, afirmar a existencia entre esses factos de causa para effeito. As coincidencias são, em todo o caso, muito curiosas.

A deslocação do eixo da Terra era,

havia muito annos, notada pela comparação dos antigos mappas com os modernos, indicando consideraveis alterações nas latitudes e explicando sensíveis modificações das estações em diversas regiões.

*
**

A hygiene dos olhos — O livro do dr. Javal—Prophylaxia da myopia—A myopia não é congenita nem hereditaria

Orgãos essenciaes delicadissimos, os olhos merecem menor cuidado do que o estomago, o coração, os pulmões: em geral, dedicamos maior solicitude ao nosso regimen de alimentação, ao traje, ao nosso relógio, ao nosso chapéo, aos nossos dentes, aos bigodes.

Conforme a fina observação do escriptor que se disfarça sob o pseudonymo — *Docteur Vidi*, nós dedicamos mais sollicitos cuidados ao nosso regimen de alimentação, ao traje, ao relógio, ao chapéo de multiplos reflexos, do que aos nossos velhos orgãos essenciaes delicadissimos. Os hygienistas, em geral, cuidam menos delles do que do estomago, dos pulmões, do coração. Seria, entretanto, facil evitarmos muitas molestias que nos infelicitam, como a myopia propagada de maneira assombrosa, por culpa nossa.

Já mencionámos nestas columnas o interessante livro do dr. Javal, que tratou com admiravel tacto e profundo conhecimento essa importante materia — a *Physiologia da leitura e da escripta* — muito interessante e proveitosa, especialmente para os que vivem das letras. O sabio medico estabeleceram preceitos firmes da prophylaxia da myopia, preceitos baseados na dolorosa experiencia da sua cegueira.

Elle affirma, contra o preconceito corrente, que a myopia não é congenita nem hereditaria, e abundantes estatisticas, baseadas em dados anatomicos, demonstram que ella nunca existe nos recém-nascidos, sendo muito raros os myopes de menos de sete annos: essa molestia se manifesta no primeiro periodo da vida escolar, provocada pelos defeitos de illumination das salas de estudo e dos aposentos dos domicilios, onde, em geral, se destinam aos meninos os compartimentos mais escuros.

A demasiada luz do gaz, da electricidade, se attribuem os effeitos de fadigar a vista, e é sabido que muita gente trabalha na penumbra para não cansar os olhos.

Os oculistas declaram, ao contrario, que a luz artificial nunca é demasiada. O dr. Romice observou que ha poucos myopes entre os estudantes

escolares de Liège, onde o diminuto preço do petroleo habilita os mais pobres a uzarem fortes lampadas.

Os livros destinados á educação da infancia são, materialmente considerados, mal fabricados, com pessimo papel, ruim tinta e typo de corpo variavel, (os livros didacticos do Brazil attingiram o cumulo da imperfeição no genero) a pretexto de os pôr ao alcance de todas as bolsas. As letras negras sobre fundo branco produzem um fatigante contraste inutil. Impressas em papel amarellado, pobre em raios chimicos, as paginas se tornam illegiveis. Os typos são muito finos, porque se abandonam muito cedo os caracteres grossos destinados aos estreates. Os editores assim procedem para gastarem menos papel e baratarem os preços das suas edições, de que auferem fabulosos lucros.

Uma commissão de instrucção publica, nomeada em Paris pelo governo no anno 1881, para estudar as regras de hygiene nas escolas primarias, propoz a recusa de todos os livros que, postos verticalmente, illuminados por uma véla á distancia de um metro, não fôssem perfeitamente legiveis.

Na opinião dos especialistas, a fadiga não provém tanto das letras pequenas, quanto das apertadas; a legibilidade depende da altura e não da largura dos typos, como succede nos livros inglezes de letras afastadas em linhas cheias de espaços porque as palavras dessa lingua são, em geral, curtas. Essa verdade foi confirmada em curiosas experiencias: uma pagina impressa sobre uma folha de borracha destendida num quadro de madeira que se lhe pudesse alargar ou diminuir a altura e extensão, demonstra que a reducção de largura prejudica mais a legibilidade do que a reducção da altura.

O dr. Javal aconselha, com eruditos fundamentos, o livro hygienico, e indica a fórmula e altura das letras, os espaços, as separações, distancias dos pontos, minucias aparentemente desituidas de importancia.

COMO JÁ FORAM PUBLICADAS, as seguintes recordações, do sr. Euclides da Cunha, pareceriam bem nas paginas esquecidas; mas não são esquecidas exactamente porque não são nem conhecidas.

Appareceram numa revista de provincia, docemente familiar, de uma circulação muito discreta, e de tal maneira inoffensiva que os seus leitores não chegavam, talvez, ao numero que o Codigo exige nos casos de responsabilidade. Dahi não váe que nos gabemos de uma circulação muito maior... Todavia, é um serviço reproduzir essas memorias do nosso eminente collaborador, que tanto as preza quanto o publico admirará,

mais uma vez, essa imaginação de artista entalhada na realidade de factos que sempre interessam.

RECORDAÇÕES

DE UM DIARIO DA REVOLTA.
Oito de fevereiro de 1894.

Determinação inesperada destacou-me para erigir uma fortificação ligeira ao lado do edificio das Docas Nacionaes.

Ainda bem. Deixei, afinal, aquelle tristonho morro da Saúde, que ha dois mezes retalho, e mino, e terrapleno, rasgando-lhe em degraus as encostas, taludando-o e artilhando-o, numa azafama guerreira de que sou o primeiro a me surpreender.

Lucro com a mudança. É' uma variante ao menos. Livra-me do quadro demasiado visto daquelle recanto commercial que a Revolta paralyzou—circulado de trapiches desertos, atulhado pelo ciscalho bruto da ferragem velha da Mortona, e banhado pelas aguas mortas de uma reintrancia da bahia, onde boiam, apodrecendo, velhos pontões desmastreados e inuteis.

Dei por isto, para logo, rapidas ordens de partida, e os sapadores abalaram, em turmas — incorrectos pelotões armados de picaretas e enchadas.

Acompanhei-os; e não esqueci um adoravel companheiro e mestre, Thomaz Carlyle, em cujas paginas nobremente revolucionarias me penitencio do uzo desta espada inutil, deste heroismo á força e desta engenharia malestreada.

Cheguei, em pouco, ao local indicado, encontrando novos trabalhadores. Um apontador da directoria de obras militares, armado de ordem terminante do commandante da linha, e seguido de meia duzia de praças, já havia percorrido as tavernas e vendas pobres das cercanias, á cata de operarios como quem busca criminosos. Avezado áquellas caçadas, não se demorára. Em breve, algumas dezenas de estivadores, de varias nacionalidades—patriotas sob a suggestão irresistivel dos réfles desembainhados e pranchadas imminentes—reforçaram as turmas desfalcadas.

Havia braços de sobra. Podia-se abordar a empreza da construcção de mais uma Humaytá de saccos de areia, identica ás que véem hoje, debruando todo o littoral, desde o Flamengo á Gambôa.

A que se projectava, porém, requeria avantajadas proporções. Destinava-se a um Withworth 70, desentranhado da Armação (onde jazia desde a questão Christie) e vindo por terra, em longo rodeio, até aqui.

Pezado e desgracioso, alongando por sobre o reparo solido, á maneira

de um animal phantastico, o pescoço denegrado e aspero, elle parecia aguardar, ao lado, que lhe preparassem o estrado onde pudesse ser conteinado á vontade, rugindo, temeroso, sobre a rebeldia impenitente.

E' o que succederia, talvez, dentro de poucas horas.

Surdo boato, dos que por ahi irrompem e se alastram, sem que se saiba de onde partem, lançára nas fileiras legaes, commovidas, a nova de proximo desembarque — toda a mariuja revoltosa em terra, desencadeiada em lauces de desespero e audacia.

Urgia pôr mãos á tarefa. Certo não desfalleceria da minha banda a defeza da *Legalidade* — bello euphemismo destes tempos sem leis.

Foi atacado o trabalho. Cento e tantos homens, agitantes sob as ordens rispidas, arcados sob os saccos cheios de areia ou arrastando-os, arumando-os, superspostos, como grandes adobes de um muramento cyclopico, bracejaram durante o dia todo...

De sorte que ao chegar a noite, brusca e varada de chuvisqueiros intermitentes e frios, pude contemplar o meu prodigio de baluarte chinez: uma duna ensaccada, erguida em poucas horas sobre a crista da casa, dominante e desafiando assaltos.

Protegidos por ella, e apagados, para maior resguardo, os lampeões de gaz da vizinhança, os carpinteiros principiaram a ageitar os pranchões aparelhados, madeirando a plataforma.

Era a phase mais perigosa da empreza. Aquella agitação que se realizára até alli sem ruidos, ia transmutar-se pela acção estrepitosa dos martellos, precisamente na hora das surpresas, das repentinas visitas das torpedeiras traíadoras.

Sustive-a, por isto, um momento, indeciso.

Considerarei em torno.

Aquelle trecho da Prainha, especie de *White-Cheapel* em miniatura, enredado de bitesgas tortuosas e estreitas, onde moireja população activa, parecia abandonado. Nem uma voz. Nem uma luz.

Em frente, no mar, infelizmente calmo, avultavam, mal percebidos, os navios de guerra estrangeiros, destacando-se melhor os couraçados brancos da esquadra americana. Ao fundo, um cordão de pontos luminosos — *Nicttheroy*. Advinhavam-se ainda uns perfis de ilhas, as da Conceição e *Muncanguê*, vagos, numa diffusão de sombras; e a *silhouette* apagada do *Tamandaré* junto á ultima, immovel, calada a artilharia formidavel, mudo na solidão das aguas. Depois, para a direita, algumas lanternas bruxoleantes, asphyxiadas nas brumas: a do forte de Gragoatá, a de Santa Cruz

mais longe, e a da fortaleza da Lage, intermittindo em sciutillações longinquas, chofrada pelas ventanias rispidas da barra.

Nada mais na téla obscurecida.

O scenario quadrava bem a um episodio habitual e dramatico, que embóra diuturnamente reproduzido não perde o traço emocionante e barbaro.

Atravessando em silencio a bahia, o *Vulcano*, a *Lucy*, ou qualquer outro socio de catastrophes — caldeiras surdas, fogos abafados, avançando em deslisamentos velozes — abeira-se do littoral. Não o percebem as sentinellas, vigilantes no alto dos parapeitos.

De repente, arrebenta-lhes adeante, nas agnas, a explosão de uma cratera. Desencadeia-se o alarma. Correm os soldados surprehendidos. Baqueiam, alguns, baleados. A maioria alinha-se nas trincheiras, carabinas estendidas sobre o plano de fogo. Deflagram na treva os fulgores das descargas. Espiugardeia-se, por cinco minutos, o vacuo. e reinam de novo o silencio e as sombras, enquanto o rebocador atacante, banhado nos ultimos clarões do tiroteio, se afasta como uma salamandra enorme, intangivel, engolphando-se na noite...

Ora, o trabalho a iniciar-se ia attraír, sem duvida, um desses recontros rapidos e ferózes. Era, porém, improrogavel.

Um carpinteiro arriscon a primeira pancada, medrosa, vacillando. Depois outra, mais firme — um estalo dilacerador na mudez absoluta. Succederam-se outras; e em breve, sem cadencia, sacudidos pelos punhos tremulos, vibrando na psychose convulsiva do medo mal refreido, estrepitavam os martellos sobre as taboas...

Tirei o relógio. Uma hora da madrugada. Ia accordar o Rio de Janeiro todo com aquelle despertador estranho que desandava de chofre, á sua cabeceira.

Alguem, porém, fel-o parar. As martelladas chegaram, alarmantes, ao escriptorio do Lloyd, onde aquartellava o commandante da linha, e este veio em pessoa interrompel-as.

O bravo coronel — orgulho do Piauí — chegou dentro do seu dolman vistoso e do estado maior alarmado. Traía no afogo da respiração a caminhada feita e a emoção sagrada dos perigos. Ponderou a inconveniencia daquella matizada heroica áquellas horas. Prohibiu-a. E voltou marcialmente, seguido do estado maior brilhante, num grande estrepito de espadas novas, batendo nas calçadas.

A medida era, afinal, prudente. Evitava que os revoltosos viessem, por sua vez, inquirir de tal ruido, com as habituaes arrancadas e sacrificios inuteis de inoffensivos operarios.

Suspensa a tarefa, estes se amon-

toaram por perto, abrigados pelo beiral saído de velho armazem acaçapado, mudos, tiritando sobre a calçada resvaladia e humida.

E o silencio descen de novo, deixando distinguir-se, ao longe, o crepitar do tiroteio escasso duma sortida qualquer, insignificante como tantas outras que se fazem todos os dias, pela tendencia destruidora apenas, avultando, sommadas, na chronica sombria da Revolta...

Atravessando, como dardos, a noite, os feixes de luz do reflector electrico do morro da Gloria desatavam-se no espaço, divergentes e longos, fazendo surgir no gyro amplissimo — de subito aclarados e logo desaparecendo — além os navios de guerra numa passividade traídora; mas á frente, *Nicttheroy*, adormecida; a Armação, sinistra e deserta; e todas as angras, todas as angusturas, todas as ilhas, uma por uma, repontando e extinguindo-se, no volver da payzagem novel e phantastica; distendendo, a subitas, num coruscar repentino de areias claras, a fita de uma praia remota; resvalando, logo depois, de vagar, pelos pendores dos cerros; estirando-se, por fim, em distenção maxima, até Magé, ao fundo da bahia. E dalli voltando, lentos, perquirindo na marcha fulgurante um por um todos os pontos fortificados; demorando-se um instante sobre a ilha das Cobras, e mostrando uma visão de Acropole, meio derruida, naquella ponta de granito arremessada fóra das ondas; deixando-a, e pondo uma nesga de luar errante sobre o convéz revoltado da *Guanabara*; deslizando dalli para o costado arrombado da *Trajano*; e passando a outros pontos, banhando-os um a um no fulgor tranquillo e forte — feito um olhar olympico da Lei, iusistente e fixo, sobre os combatentes...

Admiravel quadro. Curvei-me sobre a canhoneira recém-construida. Contemplei-o e dei largas á phantasia caprichosa.

Imaginei-me, então, obscurissimo comparsa numa dessas tragedias da antiguidade classica, de um realismo estupendo, com seus palcos desmedidos, sem telão e sem coberturas, com os seus bastidores de verdadeiras montanhas em que se despenhavam os heróes de Eschylo, ou o proscenio de um braço de mar, onde uma platéa de cem mil espectadores pudesse contemplar, singrantes, as frotas dos *Phenicios*.

A illusão é completa.

Váe para quatro mezes que não fazemos outra coisa sinão representar um drama da nossa historia, de desenlace imprevisto e peripecias que dia a dia se complicam, neste raro scenario que nos rodeia.

A civilização, espectadora incorruptível, observa-nos, dentro de camarotes cautelosamente blindados: a França, na *Arethuse* veloz; a Inglaterra, entre as amuradas da *Beagle* veleira, cujos passeios diários fóra da barra dão tanto que pensar; e a Alemanha, e os Estados-Unidos, e o próprio Portugal sobre o convéz pequeno da *Mindello*.

Applaudem-nos?

E' duvidoso. Representamos desastrosamente. Baralhamos os papeis da peça que deriva num jogar de antitheses infelizes, entre senadores armados até aos dentes, brigando como soldados, e militares platonicos brandando pela paz—deante de uma legalidade que vence pela suspensão das leis e uma Constituição que estrangulam abraços demasiado apertados dos que a adoram.

Dahi, as antinomias que apparecem. Neste enredo de Euripides, ha um contra-regra—Sardou. Os heróes desmandam-se em bufonarias tragicas. Morrem, alguns, com um comico terrível nesta epopéa pelo avesso. Sublimam-se e acalcanham-se. Si ha por ahí Achylles, não é difficil descobri-lhe no fremito da voz imperativa a casquinada hilar de Trymalção.

E a Sphynge..

* *

Mas interrompi esse desfilar de conjecturas.

Approximavam-se dois vultos. Nada tinham de alarmantes porque a guarda, velando á entrada da rua, lhes permittira a passagem. Vinham á pazana. Chegaram até á borda da plataforma, onde uma lanterna clareava o estrado num raio de dois metros; e pararam.

Approximei-me, sandando-os.

Um (reformado do Paraguay que a Republica retirou de um cartório de tabellião para o fazer senador e general), com aprumo varonil a despeito da idade, correspondeu-me britannicamente, correctissimo e firme. O outro, murchou-lhe a mão num cumprimento frio...

A' meia penumbra da claridade em bruxoleios, lobriguei um rosto immovel, rigido e embaciado, de bronze; o olhar sem brilho e fixo, coando serenidade tremenda, e a bocca ligeiramente refogada num rictus indefinivel—um busto de duende, em relevo na imprimadura da noite, e diluindo-se no escuro feito a visão de um peza-delo.

Reconheci-o e emmudeci, respeitando-lhe o incognito.

Vi-o logo depois se abeirar da trincheira; e debruçar-se sobre o plano de fogo e alli ficar meio minuto, pensativo, a vista cravada entre a afuma-

dura das brumas, na outra banda da bahia.

—Estão tranquillos.. murmurou.

Fez um gesto breve, despedindo-se, e seguiu acompanhado do companheiro desempenado e vivo, desapparecendo ambos a breve trecho—duas *silhouettes* agitando-se um momento, ao longe, ao brilho escasso de um lampeão distante e embebendo-se depois, inteiramente, na noite...

Curvei-me, então, de novo, sobre a canhoneira recém-construida e reatei o meu sonhar acordado no ponto em que o interrompera:

... e a Sphynge, quebrando a immobilidade da pedra, veste um paletot burguez e vem—desconfiadamente confiante—rondar os luctadores..

EUCLYDES DA CUNHA.

PAGINAS ESQUECIDAS

A MOLEIRINHA

Pela estrada plana, toc, toc, toc,
Guia o jumentinho uma velhinha errante.
Como vão ligeiros, ambos a reboque,
Antes que anoiteça, toc, toc, toc,
A velhinha atraz, o jumentito adeante!...

Toc, toc, a velha váe para o moinho,
Tem oitenta annos, bem bonito rol!...
E comtudo alegre como um passarinho,
Toc, toc, e fresca como o branco linho,
De manhã nas relvas a córar ao sol.

Váe sem cabeçada, em liberdade franca,
O gerico russo dum linda côr;
Nunca foi ferrado, nunca usou retranca,
Tange-o, toc, toc, a moleirinha branca
Com o galho verde de uma giesta em flôr.

Vendo esta velhita, encarquilhada e benta,
Toc, toc, toc, que recordação!
Minha avó ceguinha se me representa...
Tinha eu seis annos, tinha ella oitenta,
Quem me fez o berço fez-lhe o seu caixão!...

Toc, toc, toc, lindo burriquito,
Para as minhas filhas quem m'o dera a mim!
Nada mais gracioso, nada mais bonito!
Quando a Virgem pura foi para o Egipto,
Com certeza ia num burrico assim.

Toc, toc, é tarde, moleirinha santa!
Nascem as estrellas, vivas, em cardume...
Toc, toc, e quando o gallo canta,
Logo a moleirinha, toc, se levanta,
P'ra vestir os netos, p'ra acender o lume...

Toc, toc, toc, como se espanja,
Lindo o jumentinho pela estrada chã!
Tão ingenuo e humilde, dá-me, salvo seja,
Dá-me até vontade de o levar á igreja,
Baptisar-lhe a alma p'ra a fazer christã!

Toc, toc, toc, e a moleirinha antiga,
Toda, toda branca, váe numa frescata...
Foi enfarinhada, sorridente amiga,
Pela mó da azenha com farinha triga,
Pelos anjos loiros com luar de prata!...

Toc, toc, toc, como o burriquito avança!
Que prazer doutr'ora para os olhos meus!
Minha avó contou-me quando fui creança,
Que era assim tal qual a jumentinha mansa
Que adorou nas palhas o menino Deus...

Toc, Toc, é noite... ouvem-se ao longe os
[sinos,
Moleirinha branca, branca de luar!...
Toc, toc, e os astros abrem diamantinos,
Como estremunhados cherubins divinos,
Os olhitos meigos para a ver passar...

Toc, toc, e vendo sideral thesoiro,
Entre os milhões d'astros o luar sem véo,
O burrico pensa: Quanto milho loiro!
Quem será que móe estas farinhas d'oiro
Com a mó de jaspe que anda além no céu!...

GUERRA JUNQUEIRO.

* *

OS CONTRAFACTORES BRAZILEIROS DA PRODUÇÃO LITTERARIA DE PORTUGAL

Combatendo as idéas que Alexandre Herculano poz, numa carta a Garrett, contra o direito de propriedade litteraria—a proposito de uma convenção de Portugal com a França, em prejuizo das edições belgas—Camillo Castello Branco assenta essencialmente o seu poderoso arrazoado sobre o facto pathetico da contrafacção das obras portuguezas pelos editores brazileiros.

O grande escriptor, que nem sempre, ingratamente, foi nosso amigo, como aliás quzeria a rhetorica da fraternidade luso-brazileira, endireita as suas admiraveis insolencias contra o nosso character nacional, que elle, graças ao infortunio dos seus nervos, edifica na consciencia dos editores brazileiros, que só tinham e só teem de brazileiros o direito de impunidade—na pratica das suas bandalheiras não só em relação a livros estrangeiros como aos mesmos nacionaes.

... ..

As idéas de Alexandre Herculano agradaram infinitamente no Imperio brazileiro, quero dizer, adivinharam-as com rara intuição os contrafactores do Brazil, porque eu não imagino que elles, antes de nos reproduzirem os livros, se dobrassem, meditando, á lampada nocturna, sobre os *Opusculos* do celebre historiador, assim como nunca me constou que lá os seus salteadores da *Ilha da Caguinrada* lessem com espirito hostil as invectivas de Proudhon contra a propriedade quando a estabeleciam nas algibeiras dos honrados burguezes da rua do Ouvidor.

Tambem não posso accusar os contrafactores de nos quererem infligir, roubando-nos, o castigo alvitado pelo Mestre, que votou pela dieta dos discipulos logo que elles não locubrassem as suas vigílias em livros d'uma conspicuidade assás unctuosa. Não.

Os livreiros do Brazil operam as suas contrafacções movidos d'um pensamento chão, correntio e singelo: roubar-nos. Elles não desejam definitivamente que os escriptores portuguezes desanimem e vão para o Brazil alistar-se em maltas que medrem no latrocinio; pelo contrario, ambicionam que a pobreza nos agrilhões e force a escrever muito, para que elles, como pregoeiros da nossa fecundidade, possam continuar a roubar-nos e encher-nos de edições e glorias transatlanticas. A gloria! que mais queremos

nós? Alexandre Herculano aconselha com eloquencia commovente os escriptores a darem-se por pagos com a *consideração, respeito e distincções com que a sociedade trata o homem que perante o seu tribunal deu provas indubitaveis de talento ou de genio*; e ao mesmo tempo nos vai contando, no mesmo escripto e quasi na mesma pagina, que *o genio da sciencia e da consciencia morre de fome*, e que *Luiz de Camões morrera entre as angustias da miseria e do abandono na pobre euxerga de um hospital* — como se isto fosse verdade.

Como quer que seja, os contrafactores é que não escorregam n'estas incoherencias.

Com uma seriedade harmonica, systematica e impávida, não só reproduzem a milhares os livros que em Portugal ainda encontram editores ousados e temerarios; mas até com um desvergonhamento que deslumbra o nitido descaro da ladroeira, contrafizem um livro que não se vendeu em Portugal, e que fôra enviado ao Rio de Janeiro com uma veneravel resalva que os piratas não respeitaram. Traduziu o sr. d. Luiz I, como é notorio e até glorioso, o *Hamlet* de Shakspeare. Distribuiu s. m. os exemplares da sua versão pelos monarchas, pelas bibliothecas publicas, pelos diplomatas, pelos seus amigos e por escriptores notaveis. Logo que escrevi *escriptores notaveis* seria pleonasmio acrescentar que foi excluido; mas não me despeço de deleitar-me na leitura desta versão d'el-rei, quando eu puder haver um dos exemplares contrafeitos no Rio de Janeiro, e vendido a irrisorios pregões no peristilo dos theatros. Apregoavam os gaiatos subalternos a *traducção do Hamleto*, feita por d. Luiz, rei dos ilhéos. E aquellas gentes variegadas, de beiços grossos e rubros, olhares mortiços do quebranto languroso da mltalaria, davam casquinadas de riso, compravam o livro com a boçal presumpção de o perceberem, e associavam-se em alegres biltres á proterva satisfação do contrafactor. Vai n'isto tudo uma porcaria infame, o *cachet* d'um paiz de mercantilagem pelintra.

Que fazer? E' o titulo moderno de um romance do russo Tchenischefski, em que se dá o relêvo de insanaveis aleijões da sua sociedade. Que fazer contra o crime de roubo perpetrado pelos contrafactores do Brazil aos escriptores e editores portuguezes? A idéa mais obvia — na impossibilidade do tribunal e da grilhêta — é a celebração de um tratado de propriedade litteraria com o Brazil.

Quando estive em Portugal, pela primeira vez, o sr. d. Pedro II, os lit-

teratos e editores de Lisboa projectaram ir em corporação pedir ao douctissimo Imperador que preponderasse com a sua benigna e poderosa e effiacissima influencia na celebração do tratado. Esperavam os supplicantes que s. m. i. aproveitaria a occasião para fazer enforcar ou pelo menos suspender temporariamente os ladrões que lhe manchavam o Imperio e passeavam triumphalmente os seus chapéos do Chili em Petropolis e no Corcovado. Constando, porém, que Alexandre Herculano era avêso ao requerimento dos espoliados, e que o Imperador abundava nas idéas do seu illustre amigo, em materia de propriedade, a junta dos queixosos desanimou e debandou; parte foi jantar á taberna ingleza, outros ao Penim e os verdadeiramente sabios, segundo o funereo threno do Mestre, morreriam de fome.

Conta o sr. Ramalho Ortigão, no seu estylo de conceituosa graça, que já foi conviva em um jantar no *Hotel Universal*, onde se congregaram os escriptores para comer o boi e discutir o espirito da propriedade litteraria. Como o boi tympanisou, ao que parece, a glandula depositaria da idéa em discussão, nada discutiram; e o insigne critico, roubado em Pernambuco, pede que se torne a jantar a fim de se obter com o Brazil um tratado de propriedade litteraria.

Eu não confio nada no segundo jantar no *Hotel Universal*. Discussões serias são incompativeis com digestões pesadas. De mais a mais, ss. exs. os escriptores, com os ventres repletos, desbotariam a côr local do assumpto, sendo o seu intuito reclamarem como escriptores famintos.

A mim quer parecer que incumbe ao governo attender a uma necessidade que não carece de ser discutida e formulada em assembléas. Alexandre Herculano alvitra que seja o Estado quem dê os meios de subsistencia aos escriptores prejudicados ou não prejudicados pelas contrafacções. Se pois o governo portuguez não quer ou não pôde celebrar com o governo brasileiro uma lei que caucione os meus direitos á remuneração do trabalho, e os direitos sagrados dos editores a quem vendo os meus livros, diga-me a que repartição hei de ir mensalmente receber a pensão indemnizadora do roubo irremediavel. Em geral, n'este paiz, ha um só escriptor que sem prejuizo sensivel na algibeira pôde ser reproduzido no Brazil: é o sr. d. Luiz I. Felicito o augusto litterato; e peço-lhe curvadamente que influa no seu governo sentimentos benignos a favor dos seus collegas pobres e subditos humildes.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

ORGANIZAÇÃO DEFENSIVA DAS COSTAS

Os grandes interregnos pacificos, dando facil expansão á divagação de character puramente theorico, abrem vastissimos horizontes ás mais bellas e illusorias creações no dominio militar, com desrespeito e grave desprezo dos ensinamentos cimentados ao correr das campanhas regularmente encaminhadas, á custa de muitos sacrificios pessoas e materiaes.

Assim, industriaes e profissioaes a seu serviço, e ainda individuos facilmente amoldaveis a todas as chimeras, aproveitam-se dessa circumstancia, do esquecimento rapido dos factos occorridos em dada guerra, ou, então, fundados em elementos transfigurados pelas narrativas recreativas, atiram-se a toda a sorte de modificações, invenções e pretensos melhoramentos, com o intuito de assegurar novos escaadouros aos seus productos ou a dar azas á fertilidade das suas concepções.

A fortificação costeira, nas partes constitutivas, como qualquer outro ramo da actividade militar, resente-se desse febril progresso industrial, dessa contínua avançada de uma producção superabundante para as necessidades da epocha, e imperfeita por falta do equivalente aperfeiçoamento dos seus elementos.

O canhão moderno, por exemplo, obra prima sob o ponto de vista mechanico e industrial; — como arma de combate, com a plenitude das qualidades exigidas pelo artilheiro pratico, muita coisa ainda exige para alcançar a desejada perfeição.

A facilidade de manejo das peças actuaes, ainda as de maior calibre, a rapidez de execução dos seus serviços, o alcance prodigioso dos seus projectis, a celeridade notavel dos seus disparos, a excellencia do metal que as constitúe e tantas outras propriedades de importancia technica, são eloquentes attestados do adeantamento incontestavel da industria militar contemporanea; mas todas ellas — digamos — são secundarias, tendo-se em vista que o valor de um tal armamento reside principalmente na maior probabilidade com que os projectis tocam o alvo e nos effeitos destruidores queahi produzem.

No entretanto, os meios e processos hoje seguidos para chegarmos a esses resultados, estão em condição de marcada inferioridade em relação aos demais. A regulação do tiro é relativamente demorada; as alças, os instrumentos para a avaliação das distancias, as correcções derivadas das causas naturaes de erros, o coefficiente pessoal do manipulador, são questões em que muito ha ainda a trabalhar

para pol-as em paralelo com a machina e suas partes.

* *

Torres, cupulas couraçadas e quejandas construcções monumentaes e luxuosas, abrigando os mais complexos e delicados mechanisms—são apregoados por muita gente os unicos elementos capazes de satisfazer, na actualidade, os reclamos da defeza costeira na altura dos meios uzados pelo atacante.

Si, porém, egermos para caminho de mellhor transito da fortificação costeira esse que se aponta, a bem poucos será permittida a felicidade de o trilhar até alcançar a desejada protecção das suas fronteiras maritimas.

E', sem duvida, perigosa e manifestamente irracional a preocupação de alguns tratadistas de fortificação de sujeitar servilmente a installação das obras costeiras ao mesmo molde restricto, aos forçados limites impostos pelas innumeradas condições antagonicas e estreitas que regulam a disposição da artilharia a bordo dos navios de guerra.

Esses abrigos couraçados da marinha, alojando em seu acanhado espaço um par de canhões potentes, juxtapostos, no qual os seus serventes e officiaes trabalham a custo, com movimentos disciplinados para não se estorvarem mutuamente, difficultando o serviço e cerceando, em medida apreciavel, o rendimento maximo, deviam ser banidas das posições terrestres, onde nada justificava essa extremada avareza de espaço, pezo e outras condições peculiares ás coisas navaes.

Compreende-se que em um navio de guerra, ante as multiplicidades de requisitos que o habilitam para o combate, se torne preciso o exaggero em attender ao equilibrio na disposição dos seus meios de ataque e defeza, de modo a transformal-o em um todo completo e harmonico para se prestar convenientemente aos fins ditados pela sua creação.

Sendo assim,— que razões poderosas existem para a fortificação costeira abandonar a liberdade da applicação dos seus elementos, em troca de uma maior protecção, de uma segurança pessoal extremada, que sempre redunde em prejuizo dos resultados offensivos, unicos fins que devemos procurar com afan durante a lucta.

E' certo que as duas artilharias se approximam sob o aspecto das suas qualidades balisticas; mas por mais extensa que seja essa aproximação, nada justifica uma tal adaptação, em que todas as vantagens technicas e tacticas, asseguradas pela extensão e estabilidade da plataforma ás bacterias de costa, desaparecerão por completo.

Tacticamente considerada, a sua superioridade se afirma pela faculdade do grupamento de maior numero de boccas de fogo; pelo espaçamento possível de estabelecer entre ellas de modo a localizar os efeitos dos projectis inimigos; pela regulação mais methodica do tiro e emprego de instrumentos telemetricos e da avaliação previa das distancias das diversas situações provaveis do adversario; pela mellhor visibilidade do alvo; pela maior vigilancia dos officiaes; pelo aprovisionamento illimitado das munições; pela maior difficultade de destruição dos seus paíões e por muitas outras causas que inutil se torna ennumerar.

Technicamente, pela facilidade da pontaria indirecta; pelas larguezas na construcção dos reparos, augmento do recúo, pezo, installação dosapparelhos de carregamento, de pontaria e tantas outras por demais conhecidas.

A fortificação costeira deve tirar do proprio terreno toda a sua protecção, e só em casos especiaes, em que por completo se veja privada desse recurso natural, procurará então essas grandes construcções artificiaes.

TENENTE MAX.

APANHADOS

Os romancistas e a vida domestica em França A senhorita Bentham Edwards, que na *Home Life in France*, obra muito lida e commentada, explica porque os romancistas francezes escolhem assumptos e personagens immoraes, fazendo crer aos estrangeiros que todos os francezes reproduzem esses typos.

Mas a verdade é que a existencia das familias nenhuma relação tem com as pintadas em obras d'arte de excessiva circulação. Ao contrario: a familia franceza é, em geral, tão calma, tão desprovida de incidentes que é impossivel encontrar nella aventuras romanescas. O casamento de conveniencia, a educação das moças que não namoram, as preocupações vulgares dos moços não permitem a organização da trama de um romance.

Durante vinte e cinco annos vividos em França, a senhorita Bentham Edwards apenas duas vezes foi testemunha de acontecimentos sensacionais.

Ella notou, tambem, com muita precisão, como os inglezes ignoram a vida franceza. Um delles descrevia um cura de aldeia passando noitadas a ouvir a sobrinha tocar sonatas de Beethoven. Em toda França, não se encontraria um padre do campo possuidor de um piano, apreciador do genial musico, nem uma sobrinha de

cura dirigindo-lhe a casa. Isso seria de uma inconveniencia censuravel.

* *

Romancistas e modas A escriptora americana, senhorita Myrtle Reed, sublinha com muita ironia as descripções das *toilettes* femininas, feitas pelos romancistas, que, nesse assumpto, fazem sempre tremendos fiascos: uma mulher saída de um asylo de loucas não seria capaz de uzar os vestidos extravagantes que elles sonham.

Para sanar essa lacuna, a senhorita Reed propõe que se accrescente aos numerosos cursos da escola de jornalismo da Universidade de Colombia, em New York, um curso de modas.

Essa observação tem fundamentos na America, mas seria erronea em França, onde, desde Paulo Bourget ao mais jovem homem de letras, são todos tão peritos na escolha dos trajés que parecem cultivarem, secretamente, os jornaes de modas.

* *

Theatro Japonez E' de um pittoresco e surpreendente assistir, em Tokio, á representação do *Hamlet* ou do *Othello*, trasladadas conforme aos costumes japonezes extra-modercos. *Othello* é governador geral da Formosa, Desdemona figura como filha de um ministro das finanças, o qual deseja casal-a com o filho de um banqueiro.

Sendo prohibido a uma japoneza de alta linhagem cantar uma aria nacional, a Desdemona japoneza não repete a melodia «*Sentada ao pé de um salgueiro...*» Canta em seu logar um graphophone fanhoso...

* *

Guerra do Japão com a Allemanha, etc. O *Matin*, de Paris, conta uma interessante pillheria prégada, pelo telegrapho sem fio, aos passageiros do *Baltic*, que navegava para Nova York, a desbordar de passageiros.

A pillheria dizia em primeiro logar:

«*Nova York.*— A senhorita Alice Roosevelt deixou-se raptar pelo addido militar inglez, capitão Jackson.»

E em segundo logar:

«*Tokio.*— O governo japonez mandou um *ultimatum* ao governo allemão, exigindo a retirada das tropas allemãs do territorio chinez. O conflicto está imminente.»

Não se imagina a agitação que a bordo do *Baltic* provocaram esses aerogrammas. O unico japonez que viajava correu perigo de vida e as senhoras faziam conjecturas profundas sobre o juizo da senhorita Roosevelt. Em Nova York, pouco depois, verificou-se a pêta...

**Fragmentos de estudo da historia
da Assembléa Constituinte
do Brazil**

XIII

A proposta do deputado Alencar concernente á prisão do coronel Costa Barros, eleito pela provincia do Ceará, occasionou algum debate, em que tomaram parte varios oradores.

O deputado Velloso Soares suppoz levianamente mostrar que o Governo tinha direito e auctoridade de proceder contra o coronel Costa Barros.

Sucedeu-o na tribuna Antonio Carlos, que sustentou, com calorosa audacia, a legalidade da prisão sem indícios, sem processo e sem culpa formada por mais de tres mezes: era isso natural para justificar o acto arbitrario do ministro, seu irmão.

Por portaria de outubro, (que foi reproduzida no capitulo anterior destes estudos) José Bonifacio mandou abrir uma devassa geral do norte ao sul do Imperio. Essa extensa rede apanhou cerca de 400 cidadãos, os quaes fôram arremeados aos fundos dos carceres. Entre os presos, notavam-se os brigadeiros Nobrega e Moniz Barreto, o coronel Costa Barros, o jornalista portuguez Francisco Soares Lisboa e outras pessoas distinctas, que, criticando, não approvavam a politica do ministerio de 16 de janeiro. Naquella devassa, tambem fôram comprehendidos os nomes de José Clemente, do dr. Gonçalves Léo, conego Januario da Cunha Barbosa e de outros estrenuos lidadores da causa da Independencia, os quaes conseguiram escapar ás garras da policia do fundador da liberdade no Brazil. E' conveniente, para bem se comprehender as causas dos factos, apontar os acontecimentos, resultantes do regimen policial, de portarias e devassas.

Dahi, vinham as desconfianças geraes, de que falavam os deputados Andrade Lima, Carneiro da Cunha e o padre Dias.

Dahi, vinha o terrorismo, que comprimia a Constituinte e a população, temendo perseguições que não poupavam a ninguém. Os encomiastas do governo de José Bonifacio—uns são inconscientes, não sabem nem conhecem a realidade das coisas, ou não se deram ao trabalho de investigar o estado deploravel da sociedade brazileira. Outros, pelo contrario, conhecem a crise de terror, que a todos tortura, mas compartilham da responsabilidade moral dos males causados pelo gabinete de 16 de janeiro, que sustentavam e applaudiam.

Vemos pelo nomes conhecidos que o governo do patriarcha foi criticado e repellido por homens notaveis, que, naquella quadra, avultavam pelos re-

levantes serviços que acabavam de fazer e continuavam a prestar á causa nacional; homens como José Clemente, que foi uma grande individualidade, neste paiz, por varios titulos de benemerencia; Feijó, que José Bonifacio recommendou á traiçoeira espionagem do capitão-mór de Itú; o dr. Gonçalves Léo e o conego Januario, que fizeram esforços e sacrificios em pró da emancipação politica, sempre de accordo com d. Pedro, a quem acoçavam vivamente; homens, como o brigadeiro Nobrega Coutinho e coronel Costa Barros; o primeiro foi ministro da guerra de d. Pedro; o segundo, deputado á Constituinte, depois senador pelo Ceará e ministro no reinado do primeiro Imperador. Não era a canalha, que fazia opposição ao despotismo e á inepta politica do ministerio. Em consequencia da sua ominosa administração, quando expulso do gabinete, preso e mettido nos subterraneos da fortaleza da Lage, a bordo da *Lucconia*, não ouviu José Bonifacio um só brado de protesto a seu favor!

D. Pedro, convicto do odio que grande parte da população votava ao regimen das portarias e devassas, animou-se a vibrar o golpe de Estado de 12 de novembro, dissolvendo a Assembléa, que, incapaz, não soube sequer desempenhar a sua missão de organizar a lei fundamental, depois de tantos mezes de estereis sessões.

A proposta do padre Alencar foi combatida por Antonio Carlos, que, com o habitual entono, começou por leccionar os ignaros e noviços escolares, proferindo o seguinte— «Sr. presidente, eu não me levantaria se não visse que aqui se tratam doutrinas anti-constitucionaes. Que direito temos nós de perguntar do Governo por materia de sua competencia ?

Não sei como o nobre preopinante diz que o eleito é deputado nosso collega! Nós não conhecemos sinão aquelles cujos diplomas e acta fôram reconhecidos legaes; só depois de desta verificação é que deve o sr. Pedro José da Costa Barros ser considerado deputado: antes tem o direito de vir a ser deputado, mas ainda não ó é: não basta a eleição sem a formalidade da sua verificação. E si não existe esta formalidade como quer o nobre deputado saber dum homem que não pertence ao nosso seio! Isto era ingerir-mo-nos no poder executivo e judiciario. Se requeresse como cidadão, ou o nobre deputado apontasse violação da liberdade individual, então podiamos, como guardas da liberdade, inquerirmos o seu caso; mas não succede assim etc. . .

«Se elle é, como de facto é, um simples cidadão e a prisão foi illegal, devia dirigir-se a nós, pedindo-nos que —como paes da patria—como guar-

das dos direitos nacionaes, fizessemos observar as leis e emendassemos a violencia que se lhe fazia. O juiz procedeu por devassa contra elle: não sei se justa, ou injustamente julgou que este cidadão era suspeito de crime. O que me admira é que avançassem nobres deputados que o juiz commettera injustiça... «Voto que não tomemos conhecimento deste caso. Não começemos desde já a empolgar um poder, que a mesma palavra Constituição divide e separa do nosso.»

Alencar, de improviso respondendo, demonstra que o preopinante fala de constitucionalidade sem observal-a; que não attenden á fórma da proposta: não quer tambem a ingerencia dum poder noutro poder. Será inconstitucionalidade pedir ao Governo que solte quem está preso sem culpa formada? Affirma que o diploma de Costa Barros já estava na Camara—(o que foi confirmado por Carneiro da Cunha e pelo deputado Rodrigues de Oliveira, que o entregou a s. magestade, que, por sua vez, o entregou ao ministro do Imperio, o qual tambem declarou ter enviado á Camara). Alencar exclama:—em tempo de Constituição, deverão estar presos os cidadãos por tanto tempo sem serem julgados? Deveria soffrer em silencio que um cidadão benemerito, eleito por minha provincia, esteja preso, ha tres mezes, sem saber seu crime e esta Assembléa soffrerá, sem ao menos indagar, o porque e dar-lhe o remedio, que fôr proprio?! . . .

Só uma testemunha e contradictoria diz ter visto Costa Barros num lugar suspeito do ministerio; essa testemunha desmentiu-se. O sr. Antonio Carlos e eu, ambos nós conhecemos por propria experiencia os horriveis incommodos moraes e physicos duma prisão e não quer que se dê remedio. Gaba-se de compadecido e quer que o preso continue vexado só para satisfazer as chicanas do processo, formado ainda á maneira do tempo do despotismo, quando todo o Rio de Janeiro e até o nobre preopinante sabem que elle está innocente.»

Alencar continuou mostrando os serviços de Costa Barros, que, tendo sido eleito deputado ás côrtes de Portugal, deixou de ir, preferindo ficar trabalhando pela independencia do Brazil.

Parecia travada lucta entre os dois oradores constituintes. Antonio Carlos proferiu segundo discurso, do qual destacaremos alguns topicos, que contrastam com outros do primeiro. Ambos são um amalgame de principios falsos, de conceitos frivolos e de flagrantes contradicções e sophismas. Notem os leitores esse borbotão de phrases vazias.

Diz o Antonio Carlos:—«que Alen-

car não leu o processo e não pôde saber si foi bem, ou mal, prezo Costa Barros; ainda que o lesse não tem conhecimentos profissionaes; querer, portanto, julgar não pôde escapar de ligeireza; a censura do magistrado inaudito tem resaios de injustiça. Si a liberdade desse cidadão tivesse sido violada, e elle estivesse prezo sem culpa formada, eu diria ao Governo que cumpria apressar o processo; seria passo digno dessa Assembléa advertir ao Governo, ou ao poder judiciario, que vigiasse mais na execução das leis, que são a salvaguarda da liberdade individual, para cuja conservação nos ajuntamos em sociedade, etc.»

Desses trechos, comparados com os do primeiro, sobresae um antagonismo:—aquillo que não quer no primeiro, quer no segundo. Num, o pedir ao Governo que mande soltar Costa Barros, prezo sem culpa formada, sem indícios, é empolgar o poder executivo. No outro discurso, julga ser passo digno da Assembléa—advertir ao Governo ou ao poder judiciario. Si no primeiro discurso, recusa defender o cidadão opprimido, porque seria ingerir-se nas attribuições do outro poder, no segundo, como pae da patria, guarda dos direitos da liberdade, deve fazel-o; já não é ingerir-se nas attribuições de outros poderes.

Terminou a discussão por um breve discurso de Araujo Lima (marquez de Olinda), que é uma ligeira e succinta, porém judiciosa refutação do farfalhante phraseado do orador, que fingia não comprehender a necessidade que, no regimen constitucional representativo, teem as Assembléas de obstar que os outros poderes exerçam acção sobre os representantes do paiz.

O deputado Araujo Lima disse:—«desde que sabe que Costa Barros está eleito e o seu diploma enviado á Assembléa, entende que a commissão deve dar parecer para que a Assembléa possa depois indagar o motivo que embaraça a entrada do sr. Barros neste Congresso.

—«Esta medida é tão necessaria, quanto é certo que os governos, muitas vezes, se servem deste expediente para frustrar as nomeações dos representantes que, por algum motivo, lhes desagradam; é tambem dever nosso provar á provincia que o elegeu, que fizemos quanto em nós cabia para não ser privada daquelle defensor de seus direitos. Peço, pois, dê a commissão parecer sobre o diploma do sr. Costa Barros, etc.»

A Constituinte, que se contorcía sob a prepotencia dos Andradas, sustentados por pequeno grupo de partidarios, estimou a saída que lhe abriu o deputado pernambucano,

O requerimento, submettido a deliberação, foi approvado até pelo pro-

prio Antonio Carlos, que, membro da commissão, embaraçava a verificação do diploma.

Ora, nos dois discursos, Antonio Carlos negava ao eleito do Ceará a qualidade de deputado e sustentava a legalidade da prisão, evidentemente arbitraria e injustificavel, conforme demonstrou o padre Alencar.

Eis aqui como procediam os Andradas, que monopolizavam o poder, do qual abuzavam, inculcando-se fundadores da Independencia, iniciadores do regime constitucional, paes da patria, guardas e defensores dos direitos do cidadão...

Nos dois discursos contradictorios e frivolos, Antonio Carlos opinou pela continuação da prisão, e, enleiado em argucias de processo do regimento das devassas, concluiu—votando que não se tomasse conhecimento da proposta do padre Alencar. Logo que a questão, a requerimento de Araujo Lima, passou á commissão, o proprio Antonio Carlos declarou—que não duvidaria dar parecer a respeito do diploma, que á força de sophismas combatera e regeitára desde o principio do debate...

Mas o que cauza tristeza é ver o papel que representou o publicista parlamentar.

Antes de apurar as contradicções, releva notar a confusão de idéas do orador publicista. De que Constituição fala? Ainda não havia Constituição, no Brazil, decretada pelo poder soberano competente e que servisse de norma e regulasse e defuisse os limites, a esphera de acção de cada poder. Assim, os preceitos constitucionaes invocados eram arbitrarios e imaginarios. Não ha um typo unico de Constituição; varia segundo a influencia do meio, os habitos, a indole, as tradições historicas, a hereditariedade, as aptidões, etc, como demonstram os mestres da sciencia, desde Bodin, Montesquieu até Ancillon, que em 1823, já havia publicado o livro sobre—o espirito das Constituições. E, para verificar que as Constituições variam, basta considerar que o espirito e organismo da ingleza não são os mesmos da dos Estados-Unidos, nem da de França da Revolução. Cada uma organiza o poder executivo em vista de certos e determinados intuitos. Cada escola applica os seus principios segundo o meio social: a democracia ou aristocracia não se servem do mesmo machinismo. Antonio Carlos, porém, confundindo a realidade das coisas, invocava uma Constituição de sua phantasia, appellava ou para uma lei suprema, que ainda não existia no Brazil. Quanto ás doutrinas, estas divergiam entre as escolas. O ponto capital de todas cifrava-se em limitar e desarmar o poder absoluto e garantir os direitos da personalidade. Era isso precisamente que não

queria o orador paulista, já embaraçando o principio da harmonia, já contestando o exercicio de *contrôle* reciproco, que mantém o justo equilibrio. Ora, repellir a proposta Alencar importava negar á Camara a fiscalisação que as differentes theorias prescrevem. Era, portanto, o orador publicista quem sustentava doutrinas anti-constitucionaes.

Deixando o seu espirito no vago de emoções, em que fluctuava, quando se sentia arrebatado pelos impetos do improvisado, nos limitaremos a fazer, comparando os dois discursos, rapida analyse.

Repetem-se as contradicções; num, o orador affirma que perguntar ao governo é ingerir-se em materia de sua competencia, ou do poder judiciario. No outro, diz que, si o prezo, julgando opprimida e violada a sua liberdade, pedir aos paes da patria soccorro, então lhes cumpria não sómente perguntar, mas ir além—advirtil-o e ao poder judiciario. A pergunta, que a Camara não tinha o direito de fazer, já deixa de ser ingerencia. O que era um exercicio do principio da harmonia, regulador do equilibrio na divisão dos poderes,—Antonio Carlos converte em acto de auctoridade de superior, advertindo o executivo e o judiciario.

Aquelles dois discursos, pronunciados por outro representante, passariam como—*inania verba*. Ninguém lhes daria attenção. Mas pelo mestre do constitucionolismo, pelo velho athleta nas lides da palavra audaciosa, qual retumbava na sala dos Communs da liberrima Inglaterra; pronunciados pelo orador paulista, que, a torto e a direito, soía citar as doutrinas constitucionaes e lembrar os nomes gloriosos dos Chatam, Fox e Burke, Sydney e Canning, provocam, ao menos, algumas observações que indiquem aos cultores desse genero de estudo o euxame de erros que pullulam em vaporosas palavras.

Taes erros procedem de duas causas,—ou de refinada argucia para deslumbrar uma Camara de inexperientes, onde havia poucos espiritos illustrados; ou resultam de crassa ignorancia do regimen parlamentar, dos dogmas, das praxes, dos uzos, dos precedentes constitucionaes do governo da prerogativa da corôa perante o grande concilio da nação—o parlamento inglez.

E', todavia, inadmissivel, mesmo repugnante, suppôr ignorancia num orador, que, *naquelle tempo*, a despeito das habituaes contradicções, era um dos mais versados em taes uaterias, como Carneiro de Campos, que primava pelo criterio e coherencia, assignalando-se como bôa e erudita intelligencia uo meio das mediocridades que formavam a maioria da Assembléa.

Antonio Carlos lança-se ao debate, porque se tratam de doutrinas anti-constitucionaes; elle o declara, alto e bom som. Suppunha-se investido do dever de conservar intacta a verdade politica: como a sacerdotisa, na antiga Roma, guardava accezo, puro, inviolavel o lume sagrado, cumpria-lhe da mesma sorte manter os principios combatendo os erros perniciosos: era a sua missão. Deixemos passar as lavas da vaidade dum espirito exaltado...

Antes de tudo, observaremos que o orador confunde as coisas e esquece de que a theoria da separação dos poderes reconhece duas condições indispensaveis: —1.^a, a liberdade de acção em cada poder; 2.^a, a harmonia, como liame, que os habilita a funcionar. Sem a liberdade, não haverá responsabilidade. Sem harmonia,—ou um poder absorverá o outro; então, dominará o absolutismo; ou os poderes empeceriam uns aos outros, e então a separação seria um principio inerte, inexequivel e absurdo. Entre a Camara e o Governo, a intelligencia reciproca, a communicação dos actos, as perguntas e as respostas, ou explicações, são meios de estabelecer a harmonia, que é uma das mólas essenciaes desse machinismo denominado regimen constitucional representativo. Entra pelos ouvidos que a celeuma, levantada nos dois discursos, não passa de—*inania verba*. Ora, si Araujo Lima, (marquez de Olinda) que tocou em ponto importante, concernente á prisão do deputado, houvesse querido, mostraria o esquecimento das praxes e dos uzos do parlamento inglez; a ignorancia calculada, ou crassa, de que Antonio Carlos deu sobejas provas. O regimen de Governo, com o concurso das Assembléas, era já muito conhecido e praticado nos paizes livres; contava um cento de publicistas, que haviam formulado, criticado, systematizado as diversas theorias. Os cultores desse ramo das sciencias sabem que, antes de 1823, illustres publicistas haviam publicado livros opulentos de erudição nesta materia. Seria demasiado longo percorrer o campo da litteratura politica, que remonta á epocha anterior á grande revolução franceza. Assim que Antonio Carlos não podia ignorar as obras de Montesquieu, de Delolme, de Hallam e de Blackstone, de Bentham e Dumont, ultimos commentadores da Constituição e das Assembléas inglezas. Já, nessa temporada, manuseavam-se os volumes de John Adams ácerca da necessidade da balança dos poderes, editados em 1792. Liam-se as obras de Burke, de Dannou, sobre as grantias individuaes: de Fergusson, de Levingston, que examinou profunda e judiciosamente o governo da Inglaterra comparado com o dos Esta-

dos-Unidos. Eram apreciados os escriptos de Mounier, de Montolossier, do celebre ministro Necker a respeito do poder executivo. Já lord John Russel, em 1829, havia publicado o volume sobre a Constituição e o Governo inglez, sem falar dos mais recentes, como Sismondi estudando as Constituições dos povos livres; de Ancillon, concernente ao espirito das Constituições; das obras de Bonald; de sir Cornewal Lewis, sobre as fórmulas de governo; de Henrion de Pansey, no tocante ao poder judiciario; de Isambert, investigando os limites que separam os poderes judiciario e legislativo; do conde de Saint-Roman, refutando a doutrina de Montesquieu sobre a balança dos poderes; os commentarios de Destutt de Fracy; finalmente, Benjamin Constant com o curso de Politica Constitucional, e Guizot com a Historia das origens do Governo representativo e das Instituições politicas da Europa.

EUNAPIO DEIRÓ.

O ALMIRANTE (71)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXIII

Devorada pela ancia de sensações novas, de factos que lhe sacndissem os nervos, a marqueza exultava de satisfação pelo proximo enlace das duas creaturas amadas. Assegurada, por um optimismo maternal, do restabelecimento de Oscar em breves dias, formando com Hortencia um bello par, feliz, invejado, vivendo para ella, substituindo-lhe os filhos fanados, mortos na infancia, não cogitára, de leve, nas razões financeiras do padre Paulo, cuja suggestão cavára largo sulco no seu espirito suscitando o ensejo e o meio de ligar a ella seres que já contribuiam um prolongamento da familia extincta. Casada com outrem, Hortencia acompanharia o marido; um estranho, interrompendo os vinculos de ternura, as separaria; Oscar, por sua vez, poderia enkistar-se numa alliança criminosa, poderia escolher uma senhora de educação, temperamento, tendencias pouco assimilaveis aos habitos, á maneira de viver radicadas por longos annos de convivencia intima da mãe e do filho adoptivo. Os dois formariam grupos distinctos, separados por interesses, por idéas divergentes, duas familias collocadas parallelamente, sem a intimidade, a solidariedade affectiva, vigorosa, inquebrantavel para consolação e conforto da velhice, ameaçada da cruel tristeza do abandono.

Contemplando o alvoroço do aquecido olhar de Oscar, a placidez energica de Hortencia, depois do desafogo do pranto, resignada ao sacrificio, compensado pela satisfação de um dever cumprido, ella os sentia enchendo-lhe o vacuo do coração desolado, rejuvenescido ao impulso dos insaciados iustinctos da maternidade mallograda; antevia o austero palacio illuminado pelas irradiações da ventura por ella engendrada, os vastos aposentos reanimados, plenos de rumores sonoros, saturados de mysticos perfumes, transformados por milagre ao amor fecundo, num lar abençoado.

E seria producto da sua vontade poderosa o prodigio da mutação do sceuario de sua existencia sem horizontes. As suas energias masculas ao serviço do vario capricho feminino, reconstruiriam a familia frustrada pela fatalidade, como tinham feito surgir da aspera selva o estupendo nucleo de trabalho, a colonia Izabel, a Redemptora. Seu nome, sua alma se perpetuariam naquella criação immortal. Ella surgiria gloriosa dos seus desastres, dos destroços das suas decepções, sarada das trêdas magnas que a victoria material no combate á rotina recalitrante, não conseguira delir.

— Deus os abençõe — disse a marqueza, com vóz ligeiramente tremula, estendendo sobre elles, num gesto solemne, as mãos espalmadas.

D. Eugenia, muito commovida, fitava na filha os olhos lucidos de ternura. O padre Paulo, em recolhida attitude, os labios dilatados num sorriso beato, murmurava algumas palavras em latim.

CAPITULO XXIV

No dia seguinte, quasi ao caír da tarde, melhorou, sensivelmente, o estado de Oscar. Os medicos que acabavam de examinal-o respondiam com evasivas ás consultas do padre Paulo e de d. Engenia, anciosas pela confirmação dos apparentes symptomas favoraveis, confirmando as esperanças ainda vacillantes, menos para a marqueza firmemente convicta da realização do seu prognostico de imminente convalescença.

O padre se encarregára com incansavel actividade de preparar as formalidades preliminares da cerimonia religiosa, que se realizaria dalli a pouco. O almirante Wandenkolk, convidado pela marqueza para padrinho da noiva, estava com outros camaradas de altas patentes e com o secretario do marechal Deodoro no bello salão do *chatô*. O conselheiro, muito acabrunhado, mal attendia ás considerações de Souza e Mello sobre os mais notaveis factos do dia. O dr. Adeodato se entretinha em vóz baixa com o Martins e Marianninha, muito

preocupada com a extranha vivacidade da marquezia em attender a todos, contrastando com a tristeza dos circumstantes que tinham o funereo aspecto de convidados para um enterro.

—Que é de Dolores? — inquiriu a marquezia, approximando-se do ultimo grupo.

—Dolores? — respondeu Adeodato, muito acanhado, piscando os olhos por traz dos vidros escuros dos oculos —Dolores não pôde vir; está prostrada com forte enxaqueca, com uma dôr de cabeça como si lhe partissem o craneo... Bem sabe que, quando isso lhe dá, dura semanas. E' um verdadeiro martyrio...

Nesse momento, d. Eugenia, notando o rosto decomposto do marido, privado daquella serenidade de sabio, que era o seu traço caracteristico, chamou-o á parte.

—Que é isto, Antonino? — disse-lhe ella, em tom de ceusura —Estás com uma cara de metter dô.

—Eu? — respondeu elle, num amúo submisso — Querias que estivesse a sorrir numa occasião tão solemne?

—Certo que não. Mas seria mais agradável, mais correcto que te mostrasses satisfeito, uma vez que esse casamento é do teu agrado... uma vez que concordaste...

—Concordei sim; concordei. Que havia eu de fazer sinão concordar com o que tu e a marquezia fizeram sem a minha intervenção? De mais, queres que te diga a verdade? Eu estou um tanto envergonhado...

—E' a tal historia: os preconceitos preponderando sobre um homem superior como tu, um homem de sciencia que deveria encarar a vida pelo lado pratico... Deixa falarem os invejosos, os difamadores. Nós obedecemos ás mais justas, ás mais honestas intenções de pais sollicitos pelo futuro dos filhos. O caso não é, pois, para essa cara de poucos amigos...

—Deixa-me querida esposa. A minha attitude, as minhas maneiras são analogas ao acto: o casamento de uma filha é sempre um sacrificio de repercussão mais dolorosa no coração dos pais do que no das mães.

—Eu sei que estou satisfeita por ter garantido o futuro daquella filha que, com as tendencias para as grandezas, muito me preocupava.

—Tão jovem, tão formosa...

—Razão de mais para cuidarmos em preserv-a dos perigos de uma alliança sentimental e das decepções que se lhe seguem. Olha... eu não tenho um pingo de remorso, acho que está tudo bem feito.

—E si elle morrer? — pergunta o conselheiro, em vóz baixa, lançando desconfiado olhar pela circumvisinhança.

— Si morrer?... Peior para elle... será uma desgraça: cumpra-se a vontade de Deus.

— Si ficar restabelecido?..

— Melhor para ambos. O essencial para nós é que a marquezia está satisfeita: não cabe em si de contente — Emfim — suspirou o conselheiro — Praza aos céos que não nos arrependamos... A minha consciencia está tranquilla, isenta dessa tremenda responsabilidade...

—Que eu acceito inteira — confirmou d. Eugenia, com energia — Fica com os teus melindres pueris: eu responderei pelas consequencias.

— O conselheiro encolheu os hombros e afastou-se lentamente, monologando comsigo mesmo sobre idéas que não ouzava exprimir á esposa.

— Fiasse-me eu de ti — resmungava ella — dos teus melindres, da tua sciencia, e estaria arranjadinha para conduzir a minha vida.

Dois creados, endorsando a riquissima libré dos Uberabas, correram o reposteiro da bibliotheca, e a marquezia, com um gesto gracioso, convidou os seus amigos a se approximarem. Elles fôram entrando silenciosamente no aposento, collocando-se em largo circulo, em torno de Oscar, que acolhia com um sorriso maguado os mais intimos, Wandenkolk, os camaradas, e, com um fatigado movimento da cabeça, os outros. Hortencia, de pé junto do leito, trajava um vestido de cambraia de brancura immaculada, o rosto pallido, os olhos baixos e os cabellos negros se entreviam através de um longo véo a envolvel-a como uma nuvem cerulea, prezo a cabeça por uma grinalda de flôres de laranja naturaes, viçosas e perfumadas. A marquezia e Marianinha se postaram ao lado della, defronte do padre Paulo, revestido de um finissimo roquette de rendas alvas, sobre o qual brilhava, á luz de um cyrio empunhado pelo acolyto, a estola de damasco branco bordada a ouro.

Houve um mystico silencio. A lettra do ritual e as palavras sacramentaes, pronunciadas pela noiva com vóz estrangulada, echoaram como uma sonoridade lugubre, repercutindo em todos os corações compungidos pelo espectáculo macabro da alliança entre um moribundo e daquella moça formosa, desbordante de vigor, a vida e a morte dando-se as mãos para firmarem um pacto hediondo. Depois, Hortencia ajoelhou-se; Oscar soergueu-se suffocando um gemido, e a benção do Senhor, implorada pelo sacerdote, desceu sobre elles.

As testemunhas do casamento fôram saíndo em silencio, lentamente, os passos abafados por um espesso tapete, como tinham entrado. D. Eu-

genia beijou a filha na face; a marquezia enlaçou-a em prolongado abraço e foi conduzil-a ao conselheiro immobilizado por forte commoção, num dos angulos obscuros da bibliotheca, que readquirira o seu sombrio aspecto de camara de um enfermo, invadida pelo crépe da noite, que se aproximava docemente.

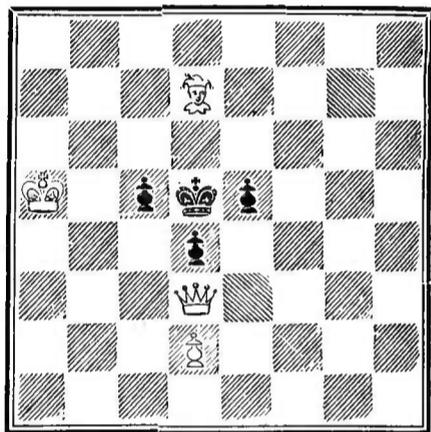
(Continúa)

XADREZ

PROBLEMA N. 38

R. St. — G. Burke

PRETAS (4)



BRANCAS (4)

Mate em dois lances

Este problema é simples, mas muito gracioso.

**

PARTIDA N. 40

(Jogada em S. Petersburgo em 1904)

GAMBITO DO REI (a)

Branças	Pretas
(S. J. Rodjestvenski)	(P. A. Sabouroff)
P 4 R — 1 —	P 4 R
P 4 B R — 2 —	P X P
C 3 B R — 3 —	C 3 B R
C 3 B D — 4 —	P 4 D
P 5 R — 5 —	C 5 R
P 4 D — 6 —	B 5 C D
D 3 D — 7 —	Roque (b)
P 3 T D — 8 —	B X C x
P X B — 9 —	B 4 B R
B X P! — 10 —	C 6 C R
P X C — 11 —	B X D
B X B — 12 —	P 3 C R
R 2 D — 13 —	P 4 B D
T 6 T R — 14 —	P X P
T D 1 T R — 15 —	P X P x
R 1 D — 16 —	P 3 B R
T X P T — 17 —	P X P (c)
B X P R — 18 —	abandonam

(a) E' esta o que se chama uma partida brilhante e portanto... incorrecta. Mas no xadrez nem tudo é theoria. E' preciso contar com a calma do jogador arrojado, que faz um lance arriscado, e com o descuido e a perturbação do adversario.

(b) Não parece que as Pretas teem um bom jogo?

(c) As Pretas defendem-se tolamente neste final. Com habilidade e previsão, teriam trazido as suas peças a tempo de se defender efficazmente.

**

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 37 (R. St. — G. Burke): T 2 C D.

JOSÉ GETULIO.